

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Descobrir, aprender e brincar na Natureza em contexto de Creche

Jéssica Carolina Gonçalves Ferreira

Coimbra, 2020

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Jéssica Carolina Gonçalves Ferreira

Descobrir, aprender e brincar na Natureza em contexto de Creche

Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar, apresentado ao
Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra
para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Prof. Doutora Ana Maria Sarmento Coelho

Arguente: Prof. Doutora Maria Madalena Belo de Silveira Baptista

Orientadora: Prof. Doutora Maria Filomena Rodrigues Teixeira

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Maria Filomena
Rodrigues Teixeira e a co-orientação da Mestre Susana Maria Mendes
Silveira

Abril, 2020

Agradecimentos

Desde o início do meu percurso académico até ao final, foram muitas as pessoas que estiveram ao meu lado, os que me apoiaram e que sempre torceram para o meu sucesso, os meus amigos de Coimbra que foram a minha família enquanto estudei aqui, os meus familiares que estiveram sempre tão longe de mim mas ao mesmo tempo estiveram sempre por perto, os meus colegas que foram sempre bons companheiros, os professores que transmitiram todo o seu conhecimento e sabedoria e fizeram de mim uma pessoa ainda mais apaixonada pela educação, a todos vós quero deixar um especial agradecimento...

Em primeiro lugar às minhas amigas que conheci em Coimbra que vão ter sempre um lugar especial no meu coração à Joana, à Rita e à Mariana levo sempre comigo um pouco de vocês!

À minha consciência, à pessoa mais pequena do mundo mas com o coração enorme à Jenny por todo o companheirismo, amizade, entreajuda, juntas trocamos os melhores e os piores momentos deste percurso, juntas crescemos, contigo aprendi muito e estarei eternamente grata por tudo o que fizeste por mim!

Às minhas fiéis companheiras de casa Rita e Andreia que com toda a boa disposição, carinho e amizade fizeram de mim uma pessoa muito feliz e acompanhada da melhor família que Coimbra podia dar-me, vocês sabem o lugar especial que têm no meu coração!

Aos meus pais e melhores amigos do mundo que apesar da distância diária, nunca estivemos longe, sempre deram tudo para que nada me faltasse, fizeram surpresas e estiveram sempre lá, sem vocês não conseguia! Amo-vos muito!

Ao meu menino pequenino, ao meu mano que apenas com um ano e meio ficou longe da mana, foi dos momentos mais difíceis mas aprendi muito para dar-te o melhor futuro do mundo, e a partir de agora vou estar sempre ao teu lado! Obrigada por seres o melhor mano do mundo!

À minha família que sempre esteve ao meu lado e encorajou-me para terminar este percurso académico que nem sempre foi fácil, às minhas primas que foram como irmãs para mim que ajudaram-me sempre e os primos também, as minhas tias e tios.

À Kátiuska prima, irmã, comadre e melhor amiga de sempre que não foi nada fácil estar longe dela, mas que esteve lá sempre a apoiar-me em todos os momentos com as suas palavras sábias e obrigada por motivar-me sempre!

À minha afilhada Alice por ser sempre a menina mais linda, quando a madrinha chegava lá estava ela com um sorriso encantador!

À minha cunhada por todas as estadias em Lisboa e pelas visitas a Coimbra e por apoiar-me sempre em tudo!

Às professoras Susana Silveira e Filomena Teixeira por toda a compreensão, apoio e ajuda ao longo desta fase final! Muito obrigada!

A todos/as professores/as da Escola Superior de Educação de Coimbra por toda a dedicação e aprendizagens ao longo da minha Licenciatura assim como no Mestrado.

E por fim, como os últimos são os primeiros, ao meu amor! Por toda a sua paciência nos meus maus momentos e principalmente quando as saudades apertavam, por estar tão longe e ao mesmo tempo tão perto de mim e por fazer-me feliz todos os dias mais do que ninguém, foi quem mais apoiou-me e encorajou-me a lutar por todos os meus objetivos, a ti muito obrigada!

Descobrir, aprender e brincar na Natureza em contexto de Creche

Resumo: Atualmente na sociedade em que nos inserimos, com o ritmo de vida que as famílias têm, o brincar na Natureza e ao ar livre é, ainda, pouco explorado pelas educadoras e pelos educadores do ensino pré-escolar em Portugal, condicionando a forma como as crianças se poderão envolver e aprender com o meio natural. Os benefícios do contacto com a Natureza, muitas vezes, não são valorizados pelas famílias e pelos/as profissionais de educação, ou pela falta de tempo ou pela pressão posta pela sociedade de criar atividades pré-estruturadas. Este relatório "Descobrir, aprender e brincar na Natureza em contexto de Creche", tem como um dos objetivos evidenciar a importância do contacto com a Natureza no desenvolvimento e bem-estar das crianças. Tendo-me apercebido que, na proximidade da instituição, havia um bosque e que o grupo de crianças que frequentava a creche, raramente tinha contacto com esse espaço, surgiu a questão: "Será que a exploração e contacto das crianças com o meio natural, poderá criar oportunidades para se envolverem, aprenderem e gostarem de brincar na Natureza?" A intervenção foi realizada, em contexto de creche, com crianças de 2 anos de idade, privilegiando o seu contacto com o meio natural. Os objetivos desta intervenção foram: *i)* promover a exploração direta de elementos naturais, valorizando uma abordagem multissensorial para a aprendizagem das crianças; *ii)* desenvolver a curiosidade, a criatividade e a necessidade de exploração de elementos naturais, proporcionando novas experiências; *iii)* desenvolver competências pessoais e sociais através do brincar livre na Natureza e, *iv)* sensibilizar as famílias para a importância do contacto das crianças com a Natureza. A intervenção foi realizada entre Novembro 2017 e Fevereiro de 2018. Foram efetuadas três saídas ao bosque e uma atividade complementar no espaço da Creche. Foi feito o registo de cada saída ao exterior através de fotografias e do preenchimento de um guião de observação, que suportaram uma análise de natureza qualitativa e descritiva. As crianças, ao se envolverem com a Natureza e, neste ambiente interagirem com os seus pares, tiveram oportunidade de desenvolver aprendizagens sobre o mundo natural, a criatividade e a linguagem. Aprenderam, manusearam elementos naturais e brincaram livremente. O gosto e o entusiasmo que as crianças demonstraram em brincar na Natureza, revela a importância que esta tem no seu desenvolvimento integral. É fundamental que os/as educadores/as estejam sensibilizados para proporcionarem oportunidades às crianças o contacto com a Natureza.

Palavras-chave: Brincar na Natureza, Creche.

Discover, learn and play in natural environment in a Nursery context

Abstract: Nowadays in the society where we live, with the families' lifestyles, playing in nature is underexplored by teachers in Portugal in a nursery context, conditioning on how the children can engage and learn from the natural environment. The benefits of contact with Nature are often not valued by families and/or education professionals mainly because of the lack of time and the pressure induced by society to create pre-structured activities. This report, "Discover, learn and play in natural environment in a Nursery context" has as one of its goals to appeal to the importance of contact with Nature for the development and well-being of children. Having realized that, close to the institution, there was a forest and that the group of children that attended the daycare center rarely had contact with that space, the question emerged: "Could the exploration and contact of children with the natural environment, can you create opportunities to get involved, learn and enjoy playing in nature?". The intervention that I present here, took place in daycare context with 2 years old children, focusing on their contact with the natural environment. This intervention goals were: i) promote the direct exploration of natural elements, valuing a multisensory approach to children's learning; ii) develop curiosity, creativity and the need to explore natural elements providing new experiences; iii) develop personal and social skills through free play in nature, and iv) raise families' awareness of the importance of children's contact with Nature. The intervention was realized between 2017 november and 2018 february. There were made three trips to the forest and a complementary activity at the Nursery. A record was realized for each trip, made through photographs and the completion of an observation guide, which supported a qualitative and descriptive analysis. When the children get involved with Nature and, in this environment, interact with their peers, they had the opportunity to learn about the natural world, the creativity and the language. They learned, handled natural elements and played freely. The taste and enthusiasm that children showed in playing in Nature, reveals the importance it has in their integral development. It is essential that educators are sensitized to provide opportunities for children to have contact with Nature.

Keywords: playing in nature, Nursery

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I-ENQUADRAMENTO TEÓRICO	15
1. O conceito de brincar	17
2. A importância do "brincar livre"	19
3. Brincar ao ar livre.....	21
4. O espaço exterior na creche.....	24
5.Os benefícios do contacto com a Natureza	26
6. A importância do risco de brincar na Natureza	28
CAPÍTULO II- APRESENTAÇÃO DA TEMÁTICA E DO ESTUDO.....	31
1.Enquadramento do estudo e questões de investigação	32
2.Objetivos	33
3. Metodologia, instrumentos e técnicas de recolha de dados.....	33
3.1 Guião e registo da observação na Natureza	34
3.2 Registo fotográfico	36
3.3 Questionário aos pais e às mães.....	37
3.4 Atividade"Caixas de Experimentação da Natureza"	37
CAPÍTULO III- APRESENTAÇÃO DE DADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	39
1. Apresentação de dados	41
1.1 Visitas ao bosque.....	41
1.1.1 Primeira saída para o bosque	41
1.1.2 Segunda saída para o bosque	43
1.1.3 Terceira saída para o bosque	46
1.2 Atividade "Caixas de Experimentação"	48

1.3 Análise questionário aos pais e às mães	50
2. Divulgação e avaliação da intervenção	51
3. Discussão dos resultados	52
CAPÍTULO IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
Considerações Finais	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
APÊNDICES	67
Apêndice 1- Bosque.....	68
Apêndice 2- Guião de observação da Natureza.....	69
Apêndice 3- Guião de observação da primeira saída ao Bosque.....	70
Apêndice 4 - Guião de observação da segunda saída ao Bosque	74
Apêndice 5 - Guião de observação da terceira saída ao Bosque	78
Apêndice 6- Questionário às Mães e aos Pais	81
Apêndice 7- Atividade Caixas de Experimentação da Natureza.....	83
Apêndice 8- Fotografias da primeira visita ao bosque	84
Apêndice 9- Fotografias da segunda visita ao bosque.....	87
Apêndice 10- Fotografias da terceira visita ao bosque	89
Apêndice 11- Fotografias da atividade "Caixas de experimentação"	90
Apêndice 12- Divulgação da intervenção às famílias e à instituição	93

SUMÁRIO DE FIGURAS

Figura 1- Crianças a observar o lago.	42
Figura 2- Crianças a observarem o lago- Um dos momentos preferidos das crianças era observar o lago e descrever o que estavam a ver, perguntavam pelos animais e atiravam pedras para o lago.....	44
Figura 3 - Duas crianças a brincarem com paus e a criar instrumentos musicais.....	44
Figura 4- Crianças a explorarem o musgo em conjunto- CB diz "toca aqui L" L responde "é fofinho e frio, isso suja" CB diz " tem terra molhada". As crianças em conjunto trocaram impressões sobre o que estavam a descobrir e a sentir.	45
Figura 5- Crianças a brincarem com os ramos das árvores, ao abanarem os ramos o seu barulho imita o som do vento.	45
Figura 6- A L a mostrar alguns dos elementos da Natureza que encontrou no Bosque.....	46
Figura 7- Crianças a explorar o bosque- Uma das crianças estava a escorregar no solo e outra a brincar com pedras e a criar "instrumentos musicais".....	47
Figura 8- Crianças a explorar as caixas de experimentação em conjunto com os colegas.....	48
Figura 9- Construções com materiais das caixas de experimentação feitas pelas crianças.....	49

INTRODUÇÃO

Introdução

No âmbito do estágio integrado na unidade curricular de Prática Educativa do Mestrado de Educação Pré-Escolar desenvolveu-se em contexto de Creche, e numa instituição em Coimbra, a intervenção subordinada ao tema "Descobrir, aprender e brincar com a Natureza em contexto de Creche".

A exploração do espaço exterior por parte das crianças, apesar da existência de um espaço, restringia-se apenas e por norma ao terraço da instituição, equipado com material de exterior em plástico, nomeadamente baloiços, escorregas e “casinhas”.

Atendendo à existência de espaço verde na instituição, possibilitando às crianças a sua exploração e interação, permitiu, não apenas que se promovessem atividades lúdico-recreativas, orientadas e livres, que possibilitaram o contacto direto com a natureza, mas também, uma interação ativa entre as crianças e o meio.

Consciente que atualmente vivemos numa era “digital” e que as vivências no exterior, em contacto e harmonia com a natureza bem como as brincadeiras passíveis de serem concretizadas ao ar livre, fazem parte de vivências de um passado recente, é impossível não nos confrontarmos com as nossas memórias de infância. Memórias essas que remetem para o campo, para a subida às árvores, às brincadeiras na lama, a colher frutos, a brincar com os animais, com as primas e com os/as vizinhos/as.

Uma época de rotinas feitas ao ar livre, onde as manhãs eram cheias de cor e onde havia tempo e espaço para ficar apenas a ouvir os sons dos animais. Os dias eram marcados pela curiosidade sobre o que se podia aprender ou descobrir. O cheiro a terra molhada quando chovia, quando calçávamos as galochas e colocávamos as capas impermeáveis e brincávamos na lama, à chuva... Os almoços à sombra da vinha, as tardes a saltar os socacos das “fazendas”, onde as brincadeiras continuavam até ao anoitecer e onde as horas passavam tão depressa! Eramos nós, os amigos e as amigas da vizinhança... e a Natureza!

Atualmente, e causado também pela evolução dos tempos, da cada vez mais eminente presença da mulher (e mãe) no mercado de trabalho, do ritmo de vida, dos imperativos laborais e sociais, etc., os tempos ao ar livre, principalmente os livres de

rotina ou de “planificação” são cada vez mais escassos e o contacto livre com a natureza é cada vez menor.

A predominância da fixação de famílias jovens e com filhos/as em centros urbanos com melhores condições de empregabilidade e habitabilidade, a par dos avanços inegáveis da tecnologia e da “era digital”, acabam por influenciar a forma como, não só as crianças mas também as pessoas adultas, ocupam o seu tempo: em casa, sem grandes riscos, ligados ao mundo de uma forma virtual que aos olhos de alguns, aparenta ser segura... Não há joelhos esfolados, quedas das árvores, vidros partidos por bolas... Aumenta, no entanto, o nível de sedentarismo destas crianças cuja mobilidade fica, muitas vezes, condicionada às atividades extracurriculares com que as famílias tentam preencher o tempo livre compensando a falta de contacto com a natureza e de atividades livres que, não só lhes garantem aprendizagens significativas (e divertidas), mas também fundamentais para um desenvolvimento que se pretende integral em contexto de Creche.

Nesse sentido, e acreditando no pressuposto que estes contactos com o exterior, com a natureza e a sua exploração, são fundamentais para o desenvolvimento das crianças bem como para aprendizagens sobre o mundo natural e o gosto pela Natureza, o que pode ser feito por nós, profissionais da educação? Que práticas, em contexto de Creche, poderão proporcionar um maior envolvimento das crianças com a Natureza?

Depois de refletir sobre os aspetos acima referidos e após pesquisar sobre o tema, impelida ainda pelo facto de estar a estagiar em Creche, numa instituição localizada nas proximidades de uma área arborizada, senti que estavam reunidas as condições para poder desenvolver uma intervenção com as crianças sobre o brincar na Natureza. Desta forma, o presente trabalho incide sobre a importância do contacto com a Natureza, desde a Creche, para o desenvolvimento integral das crianças. Como refere Oliveira-Formosinho & Araújo (2013) "(...) a natureza é percebida como um espaço para viver e experimentar, pleno de elementos diversos e similares que criam múltiplas oportunidades para a exploração e a aprendizagem." (p. 21 e 22).

Nas pesquisas realizadas para a composição deste relatório final, deparei-me com um artigo sobre os ambientes educativos na Dinamarca o qual despertou em mim a curiosidade de aprender e desenvolver mais sobre este tema. O facto de as crianças

contactarem com a Natureza, independentemente das condições meteorológicas e sem restrições, aliado à descrição feita sobre o seu entusiasmo. Esta pesquisa despertou-me para a necessidade de implementar a importância de brincar na Natureza na minha futura prática profissional. Como refere Duque & Pinho (2015) "brincar era a principal ocupação das crianças, com recurso aos materiais que a Natureza lhes oferecia, construíam abrigos, espadas, arcos e flechas" (p.13).

Como futura educadora quero, com este trabalho, refletir sobre a importância da Natureza e do contacto com a Natureza, desde a frequência da Creche pelas crianças, incluindo na minha prática pedagógica o "brincar no exterior". A nossa realidade é a de um tempo onde há demasiada preocupação sobre se as crianças se sujam, se correm alguns riscos, constata-se que são superprotegidas e têm rotinas sedentárias facto que não promove a autonomia, tão importante para o seu desenvolvimento. Urge mudar mentalidades!

Como referi, tive uma infância onde brincava em liberdade e sem restrições na Natureza e é esse exemplo que quero evidenciar, assim como as vantagens que esta experiência pode gerar no desenvolvimento das crianças. Coelho, *et al.*, (2015), referem que "as crianças que têm maior probabilidade de aprender na natureza têm maior probabilidade de se sentirem melhor, de assumirem comportamentos mais adequados às situações, de cooperar mais com os adultos e com os seus pares" (p.114).

No ambiente propício em que estava inserida na Creche, a observação direta, as técnicas e instrumentos de recolha e análise de dados foram fundamentais para a construção do meu relatório final.

No que diz respeito à estrutura formal, este relatório, encontra-se dividido em quatro capítulos que se relacionam e articulam entre si:

O primeiro capítulo é constituído pelo Enquadramento Teórico em que realço os seguintes temas: o conceito de brincar, a importância do "brincar livre", brincar ao ar livre, o espaço exterior na Creche, os benefícios do contacto com a Natureza e a importância do risco ao brincar na Natureza.

No segundo capítulo é feita a apresentação da temática e do estudo, sendo constituído pelo seu enquadramento, questões de investigação, objetivos e metodologia utilizada.

O terceiro capítulo refere-se à apresentação e discussão de dados, abordando a implementação da intervenção, e incluindo as conclusões e discussão do estudo atendendo aos objetivos iniciais.

Por último, nas considerações finais onde expresso as dificuldades sentidas e aprendizagens ao longo deste projeto, bem como reflexões sobre o efeito que este projeto poderá ter na minha futura prática profissional.

CAPÍTULO I-ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. O conceito de brincar

O conceito de brincar pode ser compreendido e interpretado de diversas formas, sendo que pode variar de acordo com a perspectiva de vários autores sobre o tema. Se para Ferland (2006 cit in Sarmiento *et al.* 2017) "Brincar é imaginar e criar, é o lugar das fantasias, na medida em que a criança utiliza as suas habilidades criativas e decide o que é para ela a realidade; transformando-a e adapta-a aos seus desejos." (p.41). Para Solé (1980) "o brincar é uma forma especial da atividade, que permite à criança descobrir o mundo, as pessoas e as coisas que estão à sua volta, bem como descobrir-se a si própria, ou seja, facilita a integração no mundo das relações sociais." (p.41). Já para Gaspar (2010), referindo-se a Vygotsky, "O brincar vygotskiano é uma atividade que cria zonas de desenvolvimento próximo e, ao fazê-lo, promove a aprendizagem e o desenvolvimento" (p.8).

O brincar, direito consagrado das crianças, é desvalorizado por alguns adultos e até, por algumas sociedades onde se torna natural o condicionamento das crianças a espaços estruturados, com brinquedos que fomentam brincadeiras sedentárias, e com um excesso de zelo e de preocupação com a segurança das crianças, limitando assim a sua criatividade e o meio de exploração e de aprendizagem que é o brincar (Coelho & Vale, 2017).

De acordo com Bento & Portugal (2016, p.87),

"As escolas têm um papel central na vida das crianças e jovens, caber-lhes-á garantir o direito ao brincar, consagrado na Convenção dos Direitos da Criança (Assembleia das Nações Unidas, 1989), sendo importante assegurar espaços exteriores de qualidade, planeados e organizados com vista a responder adequadamente às necessidades e interesses dos seus utilizadores".

Esta preocupação que assenta na importância do brincar para o desenvolvimento saudável e integral das crianças, está bem presente nos sistemas e organização educativa de alguns países europeus, como por exemplo dos países escandinavos em que os pedagogos defendem que o brincar é fundamental para o desenvolvimento global da criança. O brincar para os/as profissionais de educação, é considerado "um meio através do qual as crianças conhecem e dão sentido ao mundo, se sentem em

controlo, expressam as suas perspetivas, analisam as experiências e resolvem problemas" (Coelho, 2017, p.98). Mas a importância dada ao brincar não é consensual entre educadores/as e pedagogos/as de diferentes sistemas educativos. Na Grã-Bretanha, e a título de exemplo, a educação é centrada na aprendizagem de conteúdos e o brincar é visto como uma pausa, ou uma recompensa, entre as atividades. Os países que onde se utiliza o modelo de pré-escolarização, o brincar tem um objetivo específico e está sempre relacionada com a aprendizagem concreta que os/as educadores/as pretendam que a criança obtenha, interligando assim o brincar a conteúdos académicos específicos (Coelho, 2017).

O brincar tem um papel fundamental na vida das crianças e está profundamente ligado à aprendizagem. Através da brincadeira, do faz-de-conta, as crianças aprendem e desenvolvem competências sociais, motoras e intelectuais. A aprendizagem obtida pelas crianças através do brincar tem efeitos no seu desenvolvimento, através das oportunidades de experienciar "novas sensações, criar laços sociais, aceder ao conhecimento, aprender a aprender e a ultrapassar obstáculos" (Sarmiento, *et al.*, 2017 p.42).

Ao brincar as crianças também desenvolvem competências cognitivas que "incluem capacidades como prestar atenção, memória e pensamento" (Hanscom, 2018, p.67).

Para que todas estas aprendizagens sejam possíveis é importante que as crianças tenham oportunidades criadas pelos/as educadores/as e que sejam realizadas com uma boa gestão do tempo e do espaço, tendo sempre em conta os interesses das crianças e valorizando a brincadeira livre. As crianças de hoje têm pouco contacto com esta realidade uma vez que as famílias, sendo cada vez mais pequenas, diminuem o tempo da brincadeira intrafamiliar. Os horários de trabalho das famílias, as preocupações com a segurança e o facto de os brinquedos serem muito mais estruturados, limitam a imaginação e criatividade das crianças (Sarmiento, *et al.*, 2017).

Um ambiente educativo que corresponda às necessidades do grupo é uma oportunidade para que as crianças se sintam seguras para poderem brincar. O espaço educativo deve conter materiais diversificados e apelativos, garantindo ainda uma forma de lhes dar oportunidade de escolher com o que e com quem brincar. O brincar

tem de ser uma atividade natural e espontânea por parte das crianças, o que vai ao encontro do preconizado nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (2016) "ao brincar, a criança exprime a sua personalidade e singularidade, desenvolve curiosidade e criatividade, estabelece relações entre aprendizagens, melhora as suas capacidades relacionais e de iniciativa e assume responsabilidades." (p.11).

Como referido nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, e independentemente do brincar estar previamente interligado a um conteúdo específico de aprendizagem (brincadeira estruturada) ou de ser de carácter livre (não estruturado), o brincar assume sempre um carácter pedagógico pelo que deve ser valorizado pelo/a educador/a e pelos pais e famílias, não apenas como uma atividade para "passar o tempo", mas também pela importância significativa que tem no desenvolvimento da criança. Para Sílvia, Maques, Mata & Rosa (2016) é essencial que aprendamos a observar de forma consciente a criança a brincar, conhecendo assim a própria criança, as suas curiosidades e interesses, o seu potencial, a forma como se envolve e explora o meio que a rodeia... Estes momentos de brincadeira espontânea promovidos na infância desenvolvem a construção de conhecimentos, competências sociais e a sua própria identidade, brincar é um elemento fundamental no desenvolvimento global da criança (Ferreira, 2010).

2. A importância do "brincar livre"

A importância do "brincar livre" não se limita às oportunidades que as crianças têm no exterior da escola, podendo estar incluída em todas as rotinas das crianças. O "brincar livre" é fundamental para a criança libertar-se de ambientes fechados sem estarem condicionadas pelas pessoas adultas.

A necessidade de superação e crescimento da sociedade, conduz a pressões dos/as educadores/as no sentido de as "escolarizar", para que as crianças aprendam a ler, escrever, somar e subtrair ainda no jardim de infância, descurando a importância da brincadeira, colocando-a, por vezes de parte. No entanto, são vários os estudos e os autores, que defendem ser crucial que as crianças tenham tempo para brincadeiras

iniciadas e criadas por elas mesmas, por exemplo como aborda Hanscom (2018) "desenvolvem naturalmente músculos e sistemas sensoriais fortes, aprendem criatividade e desenvolvem competências sociais e emocionais saudáveis"(p.82).

O "brincar livre" pode ser compreendido por um período de tempo em que a criança escolhe com quem quer brincar, onde interage com pares, quer sejam crianças ou com pessoas adultas, através de brincadeiras e exploração de diversos espaços e objetos. Neste período de tempo de brincadeira livre, desenvolvem-se competências sociais, constrói-se conhecimento, estabelecem-se relações e há comunicação com as restantes crianças e pessoas adultas (Post & Hohmann, 2011).

Como já referido anteriormente, o brincar estruturado em espaços fechados e controlados por adultos/as tem sido cada vez mais uma constante nos dias de hoje, o que conduz à redução crescente de experiências de brincar livre no espaço exterior. Estes hábitos de vida sedentários condicionam o crescimento das crianças e o seu desenvolvimento associando-se a problemas de saúde, tal como referido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) uma em cada cinco crianças do espaço europeu tem excesso de peso e estes números parecem tender a aumentar" (Bento & Portugal, 2016).

Assim, é essencial que as/os educadoras/es planeiem o tempo de brincadeira livre na rotina diária das crianças, dando-lhes oportunidade brincar sem restrições, respeitando a sua necessidade de explorar e brincar ao seu próprio ritmo e com as pessoas com quem mais gostam de brincar (Post & Hohmann, 2011).

O/A educador/a, ao observar a criança a brincar livremente, aprende muito sobre ela e obtém informações sobre as suas brincadeiras preferidas, os seus medos, os seus gostos, os seus comportamentos e atitudes, como se relaciona com outras crianças, descobre a própria identidade (Ferreira, 2010). Para Hanscom (2018) a brincadeira livre "é uma das oportunidades educativas mais valiosas" (p.83), pois as crianças têm liberdade de se expressarem sem restrições sendo que o/a educador/a deverá assumir o papel fundamental de saber quando e como pode intervir, quer como elemento "enriquecedor" da brincadeira ou como mediador de conflitos que possam surgir.

3. Brincar ao ar livre

Atualmente na sociedade em que nos inserimos, em que a maioria das pessoas vive em grandes cidades, com as rotinas das famílias estruturadas em função da azáfama diária característica da "vida moderna", torna-se por vezes difícil ter oportunidades para brincar com os/as filhos/as, nomeadamente ao ar livre e de proporcionar um contacto direto com a Natureza. As brincadeiras das crianças confinam-se, principalmente, a ambientes fechados e estruturados pelas pessoas adultas, e onde cada vez menos as famílias convivem no exterior (Figueiredo, 2010). Este confinamento no qual as crianças passam a maior parte do tempo dentro de casa ou em espaços fechados condiciona as crianças a brincadeiras que incidem num brincar mais “tecnológico”, considerado pelas famílias como mais seguro, mas que no entanto prejudicam o desenvolvimento dos/as filhos/as, ao privá-los do contacto com a Natureza e das suas experiências sensoriais (Esteves, Pinheiro, Campos, & Raimundo, 2018). No nosso país, como evidencia Moreno (2009) & Neto (2005) citado por Bento & Portugal (2016) o brincar tem vindo a tornar-se muito mais estruturado, uma vez que as crianças passam os seus tempos livres fechadas em casa e são controlados por adultos/as, o brincar torna-se sedentário. Hoje em dia a cultura de brincar na rua tem vindo a desaparecer visto que as crianças têm horários muito mais complexos, os dias são preenchidos pela escola, atividades extracurriculares ou outras atividades desportivas, o que torna escasso o tempo para brincar livremente, o que por sua vez, tem aumentado os hábitos de vida sedentários que têm consequências negativas na saúde das crianças, como a diabetes, hipertensão e obesidade (Bento & Portugal, 2016).

No contexto escolar, e atendendo aos estabelecimentos de Educação Pré-escolar, e de forma transversal a todas as valências, a maioria dos educadores/as têm atividades planeadas e estruturadas onde as brincadeiras ao ar livre são evitadas muitas vezes por influência das famílias, porque as condições atmosféricas não são favoráveis ou pelos riscos que as crianças possam correr. Acreditar numa prática pedagógica onde seja possível incluir o “brincar” de forma livre, em que o mesmo seja estruturado ou orientado para aprendizagens específicas, mas onde as mesmas aconteçam de forma

natural, sejam significativas e partam das próprias crianças. Como futura educadora, acredito que é necessário agir nesse sentido!

Ao longo do enquadramento teórico que sustenta esta intervenção, é evidenciado que o “brincar ao ar livre”, principalmente quando abordamos as crianças pequenas, acaba por ser um tema controverso, pois por um lado está a segurança das crianças e por outro os benefícios do contacto com o ar livre. Alguns autores como refere Figueiredo (2010) defendem que está na altura de pais e educadores refletirem sobre as suas práticas e atitudes perante o tema, sendo crucial repensar e aceitar que as crianças possam correr algum risco na brincadeira, mas ainda assim, brincar de acordo com as suas ideias, curiosidades e interesses.

As atividades em espaços exteriores permitem, segundo Neto *et al.*, (2007) citado por Figueiredo (2010), um consumo de energia essencial para o desenvolvimento e assumem um papel importante nas capacidades adaptativas da criança, tanto do ponto de vista motor, emocional e afetivo: "A vivência do território é fundamental para a estruturação de mapas mentais que deem à criança uma identidade de lugar e uma identidade de si capaz de perdurar até à idade adulta" (p.36). Ao brincar ao ar livre, surgem imensas oportunidades de descobrir e explorar novas sensações, novas aprendizagens que enriquecem o brincar da criança. O contacto com a Natureza e a sua exploração é um benefício para a saúde e o bem-estar das crianças, desde pequenas (Bilton, Bento, & Dias, 2017).

As brincadeiras ao ar livre de forma autónoma são ainda imprescindíveis para o desenvolvimento das competências socio-emocionais das crianças pois desenvolvem-se num meio natural, calmo e sensorialmente rico, que proporciona às crianças um ambiente ao qual não estão habituados a lidar em casa. Longe de barulhos e ambientes sobrecarregados sensorialmente, este tempo em que brincam ao ar livre é essencial para que as crianças brinquem em pares ou em pequenos grupos, permitindo que desenvolvam positivamente as suas interações sociais (Hanscom, 2018).

Como afirma, Carson & Kickbush (2012) citado por Bento & Portugal (2016) as crianças ao contactarem com espaços ao ar livre, sentem uma ligação com o mundo e desenvolvem uma relação positiva com o ambiente que as rodeia. Este contacto é

uma oportunidade para desenvolver nas crianças o gosto pela vida ao ar livre e pelos hábitos saudáveis. Tendo em conta os problemas que o nosso Planeta enfrenta a nível ambiental é fundamental sensibilizar as crianças, desde cedo, para a proteção do ambiente. Fomentar o gosto pela Natureza, assim como a sua importância para o bem-estar do Planeta, cuidar da Natureza e protegê-la são valores que acabam por, implicitamente, estar presentes nas brincadeiras ao ar livre.

No que diz respeito às crianças mais pequenas, as que ainda não andam e dependem das pessoas adultas para serem levados para o espaço exterior, deverá ficar a cargo dos/as educadores/as o acesso a esses espaços, onde lhes deverão proporcionar o contacto direto com os vários elementos presentes, a interação ativa com os mesmos e a exploração do espaço e/ou recursos nele presentes. Para Post & Hohmann (2011) quando as crianças entram em contacto com a realidade sensorial, estão a adquirir conhecimentos sobre o mundo natural através de uma vivência direta. Explorar a Natureza e os seus elementos naturais é fundamental para o desenvolvimento sensorial das crianças pequenas.

É fundamental que os educadores/as, na sua prática-pedagógica, valorizem as potencialidades que os espaços ao ar livre têm no desenvolvimento das crianças, levando-as a sair das rotinas dentro do espaço das instituições e a explorar novas interações sociais em outros ambientes, principalmente quando o meio próximo e espaços circundantes permitem. O contacto com o ar livre estimula a criança a novas descobertas, novos cheiros, novas cores e novas texturas. Como afirma Oliveira-Formosinho & Araújo (2013) o/a educador/a tem a função de explorar a "promoção direta de materiais naturais ou a criação de oportunidades para o envolvimento das crianças em projetos com um foco específico em elementos naturais" (p.40). Após as visitas ao exterior é possível realizar inúmeras explorações na sala, sendo importante também estabelecer o diálogo com as crianças sobre o que elas viram, o que foi que gostaram mais de fazer e o que descobriram.

Em suma, como profissionais da educação e ao garantirmos que as crianças tenham o privilégio de contactar com o ar livre, beneficiando com os efeitos deste na sua saúde física e mental, estamos a contribuir para a educação de uma geração futura composta por pessoas adultas com capacidades, atitudes e convicções que se desenvolvem numa relação positiva com o exterior e nomeadamente com o meio

natural. Uma relação positiva que promove a proteção e valorização da natureza (Lindsay & Pompermaier, 2010).

4. O espaço exterior na creche

O espaço exterior conforme as *Orientações Curriculares para a Educação de Infância* (2016) "é um espaço educativo pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas (...) é um local privilegiado para atividades da iniciativa da criança que, ao brincar, têm a possibilidade de desenvolver diversas formas de interação social e de contacto e exploração de materiais naturais" (p.27) assim, o/a educador/a tem a função de planear e introduzir nas rotinas das crianças o acesso ao espaço exterior.

É fundamental que desde pequenas as crianças tenham contacto com a Natureza e com o ar livre através dos espaços exteriores, e é importante que esse contacto seja realizado precocemente, nomeadamente, na creche. Os espaços exteriores não devem ser limitados aos recreios das instituições, com materiais feitos de plástico, nomeadamente baloiços e escorregas ou o chão de borracha. Muitas instituições têm espaços naturais que estão abandonados e pouco valorizados. Urge mudar a mentalidades de que os espaços exteriores se limitam apenas a momentos para as crianças "libertarem as suas energias", mas aceitar que esses espaços são também eles, promotores de aprendizagens. O/a educador/a têm o papel de criar as oportunidades de exploração do exterior e do meio natural envolvente e também de criar uma flexibilidade entre o espaço exterior e interior (Oliveira-Formosinho 2018).

Às instituições, no papel do seu corpo docente e não docente, cabe o papel de proporcionar o contacto com a Natureza, sendo essencial refletir sobre as suas práticas educativas bem como a sua forma de agir e pensar sobre o tema, oferecendo às crianças, tal como refere Oliveira-Formosinho (2018) a oportunidade de escolher o que quer fazer no exterior e como aborda "*O acesso diário ao espaço exterior e o contacto com a natureza*" como um direito de todo o ser humano (p.129).

O espaço exterior na creche continua a ser negligenciado por muitas instituições, sendo que muitas delas não reconhecem o seu valor e das suas potencialidades na

aprendizagem das crianças. Um espaço organizado e com múltiplas oportunidades de exploração e manipulação é um privilégio na sua aprendizagem (Oliveira-Formosinho 2018). Em Portugal, e de acordo com Coelho, *et al.*, (2015) as crianças passam a maior parte do tempo em locais fechados, em atividades pré-estruturadas pelos adultos, apesar da geração dos pais ter sido marcada pelas brincadeiras na rua, em espaços que se traduziam em novas aprendizagens e oportunidades de exploração.

Dar liberdade às crianças de poderem explorar o espaço exterior é muito importante na primeira infância. Ao brincar no exterior, potencializa uma diversidade de oportunidades de exploração sensório-motoras ilimitadas e contribuem para o seu desenvolvimento e para a sua aprendizagem (Post & Hohmann, 2011). Tal como referido anteriormente e reforçado por Vale (2013), a liberdade de decidir o que brincar e com o quem brincar, num ambiente com múltiplas oportunidades de exploração, de resolução de problemas, de brincar com espontaneidade e curiosidade, permite que as crianças se envolvam em aprendizagens significativas, fundamentais também para as crianças da creche, a quem deveriam ser permitidas, diariamente e sempre que possível, as brincadeiras no exterior.

Torna-se assim fundamental que os/as adultos/as façam uma gestão adequada da regularidade que as crianças vão ao exterior e têm experiências ao ar livre e da sua duração, sendo que, juntamente com o apoio dado pelo adulto, são fatores determinantes para as crianças aproveitarem as oportunidades oferecidas pela Natureza (Bilton, Bento, & Dias, 2017).

As interações entre as pessoas adultas e as crianças também podem ser exploradas no espaço exterior. Através da brincadeira, e como suprarreferido, o/a adulto/a ao interagir com a criança tem a oportunidade de a conhecer mais e melhor sem a necessidade de que essa interação tenha de ser planeada, mas sim ocorra de forma espontânea. Também os colegas de sala, seus pares diretos, têm um papel importante no espaço exterior uma vez que através das interações sociais que se realizam, as crianças aprendem, imitam e ensinam umas às outras, havendo ainda uma partilha de saberes e de raciocínio [(De Vries, (1997) e Azimitia (1998), citado por Folque (2012)].

O tempo que as crianças passam no exterior permite-lhes expressarem-se de maneira diferente do espaço interior. As brincadeiras são mais barulhentas e livres ao contactarem com a Natureza, e estas exploram e brincam com os elementos naturais e ao faz-de-conta com esses mesmos elementos, permitindo o desenvolvimento da sua criatividade e imaginação que fomenta muitas das características essenciais num ser humano adulto no seu dia-a-dia (Hohmann & Weikart, 1997). Essas brincadeiras ao ar livre e a exploração da Natureza, tem benefícios significativos na saúde, bem-estar a curto e longo prazo das crianças. Ao brincar na Natureza as crianças desenvolvem o seu sistema imunitário e promovem a sua aptidão motora (Coelho, *et al.*, 2015).

É importante refletir sobre a importância da brincadeira ao ar livre na creche. As crianças que têm essa oportunidade têm benefícios no seu desenvolvimento, são mais criativas, regulam as suas emoções, usam a brincadeira simbólica, socializam com os colegas, criam regras sem precisar da intervenção do adulto (Hanscom, 2018).

É fundamental que existam elementos naturais (terra, árvores, plantas com flores, relva, entre outros) para que as crianças brinquem livremente e sintam o cheiro, as cores e possam apreciar a beleza da Natureza. As crianças na creche estão num período de desenvolvimento sensório-motor e é necessário estar em contacto com um ambiente natural para poder "estimular os sentidos, desenvolver o equilíbrio e o movimento e gerar sentimentos de bem-estar e de ligação com o mundo" (Duffy, 2013, p.12).

5.Os benefícios do contacto com a Natureza

Nos últimos anos a investigação em educação tem vindo a dar importância às vantagens do contacto com a Natureza no desenvolvimento das crianças. A pluralidade de metodologias e de programas educativos que existem atualmente dispersos pelo mundo, têm permitido que países como a Dinamarca possam implementar uma pedagogia ao ar livre, em florestas e outros espaços naturalmente ricos em potencial de aprendizagem. Esses programas têm tido bons resultados a nível da saúde física e emocional das crianças, principalmente a nível de doenças

como a obesidade infantil e na redução de sintomas de perturbações de hiperatividade e défice de atenção (Duque & Pinho, 2015).

Alguns estudos defendem também, de acordo com Duque & Pinho (2015), que programas que incidem no contacto direto com a Natureza promovem ainda uma consciencialização para os problemas ambientais, fomentando sempre um envolvimento positivo com a o meio natural, respeitando-o e incentivando as crianças a se preocuparem mais pelo mundo que as rodeia.

Na perspetiva de Hanscom (2018) e aludindo aos países nórdicos os pais e educadores/as têm o hábito de colocarem as crianças pequenas a dormir em alcofas ao ar livre, independentemente das condições meteorológicas. Os suecos defendem que os bebés ao dormirem no exterior fortalecem a sua saúde, pois estão a proteger as suas crianças de ficarem no interior da instituição. Importa, como profissionais de educação, "alargar a nossa visão e retirar as melhores práticas e a investigação de várias culturas para determinar a melhor abordagem para promover crianças fortes e saudáveis. Por vezes, isto exige manter uma mente aberta e estar disposto a procurar respostas noutros países para além do nosso" (Hanscom, 2018, p.182).

Os programas na Natureza, de acordo com várias investigações melhoram o modo como as crianças aprendem, potenciando melhorias no "desenvolvimento cognitivo, social e afetivo, favorecendo o desenvolvimento da concentração, da autodisciplina, do raciocínio e da capacidade de observação, mas também de competências sociais, de leitura, de escrita, de matemática e de ciências naturais" como aborda [Moss (2012) e Webster (2011), Welss, (2000)], citado por Duque & Pinho (2015).

O contacto com a Natureza pode ser iniciado desde que as crianças são bebés, pois esta oferece um ambiente sensorial rico e variado para poderem estimular os seus sentidos através dos elementos naturais que a Natureza nos oferece (Hanscom,2018).

Como anteriormente referido, o contacto com a Natureza tem inúmeros benefícios para o desenvolvimento das crianças quer a nível físico com a nível emocional, (Folque, 2012), através de cheiros, cores, texturas, sons que despertam inúmeras sensações às crianças. Para as crianças pequenas simplesmente pisar as folhas e ouvir esse som pode ser um fascínio, assim como das mudanças das diferentes estações do

ano e a meteorologia, como refere Bilton, Bento & Dias (2017), essas experiências de exploração dos elementos da Natureza permitem que a criança conheça o mundo.

As aprendizagens ao ar livre tornam o processo de aprendizagem mais interessante, e o contacto direto com os elementos da Natureza faz com que as crianças descubram o meio que as rodeia assim com as espécies animais e vegetais (Coelho, *et al.*, 2015). É fundamental investir em espaços exteriores nas creches e numa boa gestão desse espaço, pois, o contacto com o ar livre e com os elementos naturais proporciona momentos desafiantes e de descobertas para o desenvolvimento das crianças pequenas (Portugal, 2014).

Como refere Hanscom (2018) "Na Natureza, as crianças aprendem a correr riscos, a ultrapassar medos, a fazer novos amigos, a regular emoções e a criar mundos imaginários" (p.15). Esta citação, vem reforçar a importância de o/a adulto/a dar liberdade às crianças para que estas aprendam através das suas experiências, dando-lhes tempo e espaço para estas brinquem e explorem o meio que as rodeia.

6. A importância do risco de brincar na Natureza

Assistimos hoje em dia a um padrão de vida onde as brincadeiras das crianças são programadas e padronizadas. Os ambientes em casa ou na escola são calmos sem riscos, os brinquedos são estruturados e padronizados e existe uma preocupação em proteger as crianças de certos espaços.

Para Vale (2013) "As crianças não vivem numa redoma, os riscos e os perigos existem onde menos se espera e nos lugares menos suspeitos, havendo necessidade de prepará-las para construir defesas" (p.12). Assim, é importante que as crianças lidem com o risco para aprenderem a defender-se das situações que possam acontecer. Por exemplo, ao brincar às lutas com outras crianças estas aprendem quais os seus limites, como é que podem brincar e a força que podem usar nessa brincadeira, ideia reforçada por Schepers & Liempd (2010) que também considera natural as crianças estarem expostas a alguns perigos e que o mesmo permite-lhes aprender a se proteger.

O facto de as crianças brincarem com paus, pedras, saltar poças, lançar rochas, são brincadeiras que lhes fornecem informações importantes e lhes garantem uma melhor noção do seu corpo e dos seus limites, promovendo a autoestima e a confiança (Bilton, Bento & Dias, 2017).

No contacto e na exploração do espaço exterior, as crianças cruzam-se com situações inesperadas o que as obriga a avaliar o risco que correm, sendo que quando o conseguem, se tornam mais seguras de si. Como refere Vale (2013) "Aprender a conhecer os perigos e os riscos lidando com eles ensina a criança a proteger-se, a conhecer os seus limites e a avaliar o ambiente que a cerca, levando-a a agir de modo mais controlado perante novas situações" (p.12).

A questão do “risco” e do “risco de brincar na Natureza” não é de fácil abordagem, o que se deve a múltiplos fatores. Desde a noção de risco para cada um de nós, aos hábitos e comportamentos singulares de cada família, às culturas e suas individualidades, entre outros aspetos. São vários os fatores que podem influenciar o que cada um de nós entende sobre o conceito, sendo que de um modo geral, salvaguardar a segurança da criança é elementar.

Vivemos ainda numa dicotomia constante onde, por um lado verificamos que as crianças são superprotegidas, quer a nível escolar como pessoal, de modo a que não corram riscos, e por outro lado, cada vez mais frequente, falamos da importância de lidar com os riscos e do papel que os mesmos assumem no desenvolvimento de uma criança. No entanto, devemos estar conscientes do facto de os riscos de acidentes poderem ocorrer nos vários contextos e ambientes: em casa, na escola, dentro das salas, no exterior, na presença dos pais, na presença de qualquer um dos membros da comunidade educativa (pessoal docente e não docente), etc. Não é só nos espaços naturais que os mesmos estão presentes.

Um/a profissional de educação tem um papel relevante no lidar com o risco, devendo geri-lo de forma flexível e reconhecendo a sua importância no desenvolvimento das crianças. O/A adulto/a deve estar preparado para uma intervenção ponderada distinguindo quando deve apoiar a criança na superação de obstáculo e transposição de um risco patente, ou quando deverá deixar que a criança tende de forma autónoma resolver o mesmo.

Para Bilton, Bento & Dias (2017) é importante que o/a adulto/a intervenha e apoie a criança que por estar frustrada com a situação de risco, possa sentir dificuldades em superá-lo. Neste sentido, Schepers & Liempd (2010) o adulto assume um papel fundamental no que diz respeito a auxiliar a criança encontrar um equilíbrio entre a segurança e o risco, aspeto fundamental para que se possa dar liberdade às crianças de descobrirem e explorarem sozinhas os vários ambientes, incluindo os ambientes naturais e a própria Natureza.

Concluindo, quando as crianças lidam com o risco e aprendem como superá-lo estão a aprender como viver, como lidar com o mundo que as rodeia. Para Pott (2010) "Só quando as crianças são capazes de lidar com os imprevistos e de avaliá-los, podem aprender a estar em segurança" (p.21). É fundamental que os/as educadores/as sensibilizem as famílias para este tema.

CAPÍTULO II- APRESENTAÇÃO DA TEMÁTICA E DO ESTUDO

1. Enquadramento do estudo e questões de investigação

Após uma saída ao bosque, para uma atividade orientada pelas educadoras da creche, nomeadamente o magusto, observei a alegria e o entusiasmo que as crianças tinham ao brincar na Natureza e com os seus elementos. Corriam livremente, brincavam com as pedras e folhas. Embora este contacto tenha sido sempre muito limitado por algumas das pessoas adultas, o gosto e o entusiasmo em brincar neste espaço era visível. As crianças, sentadas num tapete, observaram as fogueiras, colocaram as castanhas e a palha no chão onde fizeram posteriormente a fogueira e esperaram que ficassem prontas. Após comerem, foram brincar no parque infantil existente no bosque, mas sempre com algumas restrições, por exemplo não podiam brincar na areia porque estava molhada e também não podiam sair do espaço do parque infantil. O/A adulto/a limitava as brincadeiras das crianças intervindo ao dizer "não podes fazer isto", "não podes brincar aí" e não participava nas brincadeiras.

Após a observação inicial da relação que o grupo de crianças tinha com o espaço exterior (um bosque¹, que para além de um parque infantil, possuía uma extensa área verde natural que não era utilizada pelas crianças), conjugado com o reconhecimento da importância que a Natureza tem no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, pensei que poderia iniciar uma intervenção que permitisse que as crianças brincassem na e com a natureza, contribuindo para o seu desenvolvimento integral. Neste contexto, surgiu a questão: “Será que a exploração e contacto das crianças com o meio natural, poderá criar oportunidades para se envolverem, aprenderem e gostarem de brincar na Natureza?”

Estabeleci, então, um breve diálogo com as crianças tendo-as questionado se gostavam de brincar no exterior e o que gostavam mais de fazer nesse espaço. As crianças disseram que o que gostavam mais era do parque infantil existente no início

¹ Bosque era composto por conjunto arbóreo diversificado, onde se formou um pequeno lago. Existiam espaços abertos nos quais as crianças poderiam brincar livremente. Associava-se uma área de lazer equipada numa zona com mesas de merendas e um parque infantil com escorrega, baloiços e uma zona com areia.

do bosque. Após o diálogo, prometi ao grupo que voltaríamos ao bosque para “brincar na Natureza”.

Para a concretização da intervenção foram realizadas 3 visitas ao bosque com um grupo de crianças e uma pessoa adulta da sala, na primeira saída quem me acompanhou na visita foi a orientadora de estágio e a colega de estágio e nas outras duas, a educadora cooperante.

2. Objetivos

Depois de observar o contexto educativo e a problemática do estudo, nomeadamente da importância do contacto a Natureza na creche, torna-se fundamental apresentar os objetivos da intervenção, a saber:

- Promover a exploração direta de elementos naturais, valorizando uma abordagem multissensorial para a aprendizagem das crianças;
- Desenvolver a curiosidade, criatividade e a necessidade de exploração de elementos naturais proporcionando novas experiências com as cores, texturas, odores e sons da natureza;
- Desenvolver competências pessoais e sociais através do brincar livre na natureza;
- Sensibilizar as famílias para a importância do contacto das crianças com a Natureza.

3. Metodologia, instrumentos e técnicas de recolha de dados

A intervenção, de natureza qualitativa e descritiva, foi realizada, como já se referiu numa creche privada no concelho de Coimbra, entre Novembro de 2017 e Fevereiro de 2018. O grupo-alvo era constituído por 24 crianças com idades compreendidas entre 1 a 2 anos, 17 meninas e 7 meninos, uma educadora-cooperante e 3 auxiliares. Como o grupo de crianças era numeroso, e a intervenção requeria um olhar atento,

optou-se por a realizar com um pequeno grupo, tendo sido selecionadas 6 crianças para as saídas ao bosque, assim como uma pessoa adulta da equipa pedagógica para nos poder acompanhar.

Estas crianças interagiam com os seus pares, em grupo, e algumas delas tinham facilidade na comunicação verbal.

Para a concretização da intervenção realizaram-se 3 saídas ao bosque, com o grupo de crianças da creche, seguidas por momentos de exploração de elementos naturais no espaço interior. As famílias foram previamente informadas sobre os objetivos preconizados para as saídas, tendo-lhes sido solicitadas as respetivas autorizações para as deslocações das crianças.

Para a intervenção e recolha de dados elaborou-se um guião de observação da Natureza e um questionário aos pais e às mães, das crianças do pequeno grupo, sobre a importância da Natureza para os/as seus/suas educandos/as e a regularidade com que tinham contacto com a Natureza. Foi ainda promovida uma atividade de exploração de elementos naturais com todo o grupo da creche. Ao longo das sessões foram realizados registos fotográficos.

3.1 Guião e registo da observação na Natureza

A observação do grupo de crianças na Natureza é a fase fundamental desta intervenção, como aborda Silva, Maques, Mata (2016) " observar o que as crianças fazem, dizem e como interagem e aprendem constitui uma estratégia fundamental de recolha de informação" (p.13). Ao observar este grupo de crianças, as suas interações com a Natureza e com os seus elementos foi ponto de partida para a concretização da intervenção. Para auxiliar esta observação foi necessária a construção de um guião de observação. Construí algumas questões de orientação para facilitar a minha recolha de dados. Com este guião de observação ² o meu objetivo era registar vários tópicos principalmente como é que as crianças se relacionavam com a Natureza, bem como aspetos inerentes ao seu desenvolvimento. Antes de sair para o bosque com as

² Ver apêndice 2- Guião de Observação da Natureza

crianças tinha em atenção ao que e como observar podendo intervir, se fosse necessário.

Com estes tópicos tinha a oportunidade de registar tudo o que acontecia em cada saída ao exterior. Os tópicos eram:

-Qual ou quais o(s) interesse(s) que as crianças tinham ao chegar ao bosque?

Com este tópico pretendia, observar o que as crianças exploravam, preferencialmente, ao chegar ao bosque e se envolviam em brincadeiras.

-Quais as primeiras reações ao contactar com os elementos naturais? Este tópico pretendia observar como as crianças lidavam com os elementos naturais, se tocavam nos elementos molhados, se manifestavam ou não vontade de os observar e/ou manusear, entre outros.

-Na Natureza, as crianças interagem umas com as outras? O meu objetivo era observar a interação das crianças na Natureza (umas com as outras). Uma vez que são crianças muito pequenas, mas muitas delas já verbalizam, tenho interesse em observar como interagem e como se sucedem as brincadeiras.

-Quais os elementos que despertaram interesse e curiosidade às crianças? Com este tópico, tinha como objetivo observar quais elementos naturais disponíveis no espaço que as crianças preferem.

-Qual o nível de envolvimento das crianças ao contactar com os elementos? Pretendo observar com que elementos naturais as crianças mais se envolvem.

-As crianças sentiram algum tipo de receio em tocar nos elementos da Natureza? Ao observar o contacto com a Natureza é fundamental também descobrir os medos das crianças e ajudá-las a ultrapassá-los. Considero fundamental observar assim como intervir se necessário.

-O que descobriram? É fundamental observar o que as crianças descobriram, para futuramente explorar com elas esses elementos.

-Foi necessário a intervenção do/a adulto/a, para despertar o interesse pelos elementos naturais? Como este espaço tem um parque infantil logo no início do

bosque, considerei importante observar se era necessário a intervenção do/a adulto/a para que a criança interaja com os elementos da Natureza.

-As crianças têm interesse em recolher elementos da Natureza, e se sim, quais?

Um aspeto que também considerei importante era se, por iniciativa própria, as crianças recolhiam elementos da Natureza.

-Qual a reação das famílias? Com este tópico pretendia saber se as crianças contaram aos pais/mães que foram explorar o bosque, se os pais reagiram bem a essa iniciativa e se a consideraram relevante para o desenvolvimento integral da criança.

- O que gostaram mais de fazer? Um dos tópicos mais importantes era saber se as crianças gostaram ou não desse contacto com a Natureza no bosque e o que gostaram mais de fazer, por exemplo: correr, recolher elementos, atirar pedras para o lago entre outras experiências que podem obter ao contactar com este bosque.

-Tiveram medo de alguma coisa? Quais os medos das crianças, era necessário observar para poder intervir se necessário. Esses medos podem ser de algum animal, de cair, de se sujar, de algum som, entre outros.

- As crianças fizeram questões sobre a Natureza? Um dos tópicos fundamentais era saber se as crianças gostaram ou não das idas ao bosque e se fizeram algumas perguntas durante as saídas e em momentos posteriores.

Este guião de observação foi essencial para registar e avaliar as saídas ao bosque realizadas com as crianças. Ao longo dessas observações surgiram outros interesses das crianças que também tive oportunidade de registar.

3.2 Registo fotográfico

Com o registo fotográfico o meu principal objetivo foi registar e documentar as idas ao bosque, de forma a poder analisar alguns momentos do envolvimento das crianças na Natureza, considerados relevantes para a avaliação da intervenção. Outro objetivo era mostrar algumas fotografias aos pais e às mães nomeadamente através de cartazes expostos na sala das crianças. Com isto pretendia que as famílias pudessem

acompanhar a intervenção que estava a decorrer. Como refere Malavasi & Zoccatelli (2003) "documentar para comunicar, restituir, criar uma ponte; para apoiar os pais para que sintam parte da experiência dos filhos e no desejo destes em nela participar" (p.36).

3.3 Questionário aos pais e às mães

Com este questionário³ o meu principal objetivo era conhecer a opinião das famílias sobre a importância do brincar na Natureza das suas crianças. Como adianta Freixo (2009) o questionário "ajuda a organizar, a normalizar e a controlar os dados, de tal forma que as informações procuradas possam ser colhidas de uma maneira rigorosa." (p.225). O questionário elaborado é constituído por onze questões fechadas e por uma questão aberta.

3.4 Atividade⁴ "Caixas de Experimentação da Natureza"

No decurso da intervenção senti necessidade de trazer elementos naturais para dentro da sala, tendo em conta que os brinquedos existentes na sala eram todos estruturados e de plástico. Após as saídas ao exterior as crianças recolheram alguns elementos naturais e foi necessário criar na sala um local onde os guardar. Uma vez que a estação do ano em que nos encontrávamos, era o inverno, por vezes, as condições atmosféricas não permitiam ir para o exterior brincar com esses elementos naturais. A chuva, vento e o frio eram condicionantes para que as crianças não pudessem brincar no exterior. Assim, nos dias em que as crianças não podiam ir ao bosque, tinham oportunidade de brincar com os elementos naturais que aí tinham recolhido. Oliveira-Formosinho & Araújo (2013) referem "a importância de incluir objetos naturais ou objetos feitos a partir de materiais naturais, de modo a ultrapassar a uniformidade e limitações à estimulação sensorial dos objetos de plástico" (p.23).

³ Ver apêndice 3- Questionário

⁴ Ver apêndice 4- Atividade "Caixas de Experimentação da Natureza"

Nesse sentido, selecionei alguns elementos naturais nomeadamente areia, terra, pedras, ramos, pedaços de madeira, pinhas, penas e folhas. Com estes elementos as crianças podiam brincar e explorar livremente. Os objetivos principais desta atividade eram introduzir elementos naturais na sala de atividades, desenvolver a curiosidade de exploração desses elementos naturais através de uma abordagem multissensorial e proporcionar aprendizagens com cores, texturas, formas e odores. Importava ainda ter um espaço onde fossem colocados os elementos recolhidos na Natureza. Esta atividade foi realizada com as crianças, no terraço da sala de atividades, em pequenos grupos de seis a dez elementos e com uma duração média de 30 minutos.

CAPÍTULO III- APRESENTAÇÃO DE DADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

1. Apresentação de dados

1.1 Visitas ao bosque

Nesta sessão, serão apresentadas as observações feitas ao longo destas saídas ao bosque, bem como a sua descrição.

1.1.1 Primeira saída para o bosque⁵

A primeira saída ao exterior e após o diálogo realizado com o grupo de crianças, vestimos os casacos e fomos para a rua descobrir o bosque. Ao chegar ao bosque o maior interesse das crianças foi o parque infantil que já conheciam, brincar no escorrega e no baloiço era a atividade preferida delas. Como referiram algumas das crianças⁶ (L - "Olha o baloiço", R-"O escorrega é meu", C- "Eu também quero o escorrega" e M-"Vamos para o parque?"⁷). Como podemos ler, o maior foco das crianças inicialmente foi o parque infantil.

Era visível, que estas crianças não estavam habituadas a brincar na Natureza. Foi necessária a minha intervenção "Olha ali um lago"⁸, para lhes despoletar o interesse pelos elementos naturais. Este primeiro contacto com a Natureza, fez com que também eu conhecesse melhor estas crianças, quais os seus maiores interesses e quais os seus medos e dificuldades. Enquanto umas tinham maior interesse em correr livremente, outras queriam brincar no baloiço e outras focaram-se nos pormenores da natureza, por exemplo na textura das bolotas. As primeiras reações ao contactar com os elementos naturais, após o meu incentivo para que isso acontecesse, foram as seguintes: algumas crianças tinham dificuldades em sujar-se, em tocar em elementos molhados (CG- "que nojo, é fria")⁹ e em elementos com texturas "diferentes". Foi então que decidi explorar com elas esses elementos por exemplo: "esta areia

⁵ Ver apêndice 3- Guião de observação da primeira saída ao bosque

⁶ Crianças, cuja identidade foi codificada com a atribuição de carateres do abecedário

⁷ Ver apêndice 8- Figura 11

⁸ Ver apêndice 8- Figura 13

⁹Ver apêndice 8- Figura 12

molhada, que macia", "vamos pisar as folhas". Após perceberem que tinham liberdade para explorar, mudaram rapidamente o seu comportamento e também depois de verem algumas crianças a brincar com paus, pedras e a areia, as que estavam mais apreensivas rapidamente se libertaram e conseguiram brincar.



Figura 1- Crianças a observar o lago.

Depois de estarem à vontade com o espaço, o grupo de crianças interagiu em conjunto, descobrindo o espaço e os seus elementos. O que as crianças gostaram mais de fazer foi atirar as pedras para o lago e ouvir o barulho que faziam, tendo mostrado entusiasmo ao brincar perto do lago, como podemos observar na figura 1.

Nesta primeira visita ao bosque apercebi-me que as crianças tinham dificuldade em brincar com os elementos naturais. Com o decorrer da brincadeira as crianças aperceberam-se que podiam brincar livremente com as pedras, os paus e a terra. Com os comentários que as crianças faziam sobre tudo o que lhes rodeava, apercebi-me que as dificuldades diminuíram e o nível de envolvimento com a Natureza foi progredindo. Foi muito satisfatório ver o entusiasmo com que as crianças brincavam livremente correndo e saltando umas com as outras. Apesar de algumas terem algum receio inicial, com o decorrer do tempo estavam muito envolvidas com o restante grupo. Descobriram coisas em conjunto, nomeadamente um gato e um cogumelo, observaram o rasto de um avião no céu. Apesar de serem crianças muito pequenas e algumas com pouco vocabulário, interagiam no bosque, falavam em conjunto e

tinham interesse em mostrar umas às outras o que tinham descoberto por exemplo: C- "Olha ali um gato", CB - "a relva é molhada", L - "as pedras frias", CG- "Jéssica o avião" (quando estávamos no bosque a criança ouviu um avião) e a C descobriu um gato "olha ali um gato" (todas as crianças correram em direção do gato para o tentar apanhar mas este fugiu) . As crianças adoraram atirar as pedras para o lago e conversavam entre elas R- "Vamos jogar as pedras?" e a CG responde "ajuda a apanhar as pedras", em conjunto atiravam as pedras para o lago e ouviam os sons e comentavam CG "este é mais forte" R- "o meu é mais". Ao longo da nossa saída ao bosque as crianças fizeram algumas questões nomeadamente, M "o que é aquela coisa verde na água?" (referia-se ao nenúfar), a C estava muito interessada no gato e estava sempre a perguntar "o gato não volta?" também achei muito curioso perguntar pelos animais da selva ("onde estão os animais da selva?"). As crianças também fizeram muitas questões sobre os cogumelos R- "Não pode tocar? e porquê? ".

Também realçámos a noção de que não podemos "estragar" a Natureza e foi necessário sensibilizar as crianças sobre a importância de cuidar dela. Para finalizar a nossa visita as crianças recolheram alguns elementos naturais¹⁰ tais como, pedras, paus, terra, folhas, pinhas e bolotas. As crianças demonstraram interesse em voltar ao bosque e em descobrir novas coisas.

1.1.2 Segunda saída para o bosque¹¹

As reações das crianças ao chegarem ao bosque nesta segunda saída foi completamente diferente daquela que manifestaram na primeira saída. Uma vez que já conheciam o espaço começaram por correr livremente e brincar com as pedras e os paus. O primeiro momento foi observar o lago como podemos observar na figura 2. As crianças demonstravam mais facilidade em tocar nos elementos e sentir as diferentes texturas dos elementos naturais, sem qualquer receio de se sujarem. Nesta segunda visita as crianças brincaram em conjunto, estabeleceram interação entre si,

¹⁰ Ver apêndice 8- Figura 15 e 16

¹¹ Ver apêndice 9- Guião de observação da segunda saída ao bosque.

através das brincadeiras criaram instrumentos musicais com os elementos nomeadamente as pedras e os paus como podemos observar na figura 3.



Figura 2- Crianças a observarem o lago- Um dos momentos preferidos das crianças era observar o lago e descrever o que estavam a ver, perguntavam pelos animais e atiravam pedras para o lago.



Figura 3 - Duas crianças a brincarem com paus e a criar instrumentos musicais.

Com o decorrer do tempo, as crianças envolveram-se com a Natureza e na sua exploração. Descobriram em conjunto, uma teia (M- "Olha aqui uma teia"), foram explorar os cogumelos (L- "o cogumelo ainda está aqui" R-"o cogumelo é pequenino e tem mais" e procuraram o gato que tinham visto na última visita (C- "e o gato?"). Um ponto muito interessante nesta saída foi também a descoberta do musgo e da sua textura, tendo todas tocado nele (CG- "é fofinho e verde" e CB- "Gosto de tocar, podemos levar?"). Outra conversa entre a CB e a L como podemos ver figura 4.



Figura 4- Crianças a explorarem o musgo em conjunto- CB diz "toca aqui L" L responde "é fofinho e frio, isso suja" CB diz "tem terra molhada". As crianças em conjunto trocaram impressões sobre o que estavam a descobrir e a sentir.

Ao interagirem juntas, aprenderam a cooperar e a cuidar umas das outras M "cuidado com os buracos", "não toques nos cogumelos perigosos". É importante referir que com estas brincadeiras as crianças também reforçaram os laços de amizade. Interagiram com os elementos naturais, tocaram nos ramos das árvores, sentiram as diferentes texturas e ouviram os sons das folhas nas árvores diz: CB "esta árvore é gorda, está velha e tem teias" a L disse "é forte" (referia-se aos galhos das arvores). Em conjunto incentivavam umas às outras a abanar mais os ramos e a fazer barulho (R- "é divertido", M- "força, força nós conseguimos" L- "é vento" como podemos observar na figura 5.



Figura 5- Crianças a brincarem com os ramos das árvores, ao abanarem os ramos o seu barulho imita o som do vento.

Nesta saída as crianças descobriram duas árvores uma com folhas, e outra sem folhas a R disse "é outono" devido a algumas árvores estarem despidas associaram ao outono. Importa também referir o entusiasmo de uma das crianças em descobrir as texturas das folhas, pedras e bolotas como podemos observar na figura 6.



Figura 6- A L a mostrar alguns dos elementos da Natureza que encontrou no Bosque

1.1.3 Terceira saída para o bosque¹²

Na terceira e última visita ao bosque as crianças pareciam que estavam "em casa", chegaram ao bosque e foram diretamente aos seus pontos de interesse. Uma das crianças foi procurar a teia de aranha, outra foi para o lago atirar pedras, uma procurar o gato e outra procurar os cogumelos. Assim registei alguns desses momentos R- "Quero atirar pedras", L- "O cogumelo?", M- "E o gato?" e CB- "Vamos brincar com tudo". Os seus interesses e as brincadeiras no bosque foram diferentes da primeira visita, as crianças já exploravam outros elementos, por exemplo o principal interesse de uma das crianças foi escorregar na terra, subiu a um pequeno monte de terra e escorregou, outro exemplo foi criar instrumentos musicais com pedras e paus como podemos observar na figura 7.

¹² Ver apêndice 6- Guião de observação da terceira saída ao bosque.



Figura 7- Crianças a explorar o bosque- Uma das crianças estava a escorregar no solo e outra a brincar com pedras e a criar "instrumentos musicais".

Para além dessas brincadeiras as crianças comparavam os tamanhos das folhas, os cheiros e as suas cores. As brincadeiras preferidas eram mexer nas diferentes texturas das folhas, das plantas e das bolotas. Em conversa entre as crianças relativamente às folhas CB "folhas verdes castanhas e vermelhas também" e a L respondeu "e tem outras também" (referia-se ao tamanho das outras folhas). Para além disso foram verificar se a erva já estava maior, brincaram com a terra e voltaram a atirar as pedras para o lado. Fizemos várias questões sobre a Natureza R- "São verdes ou castanhos?" (referia-se à cor dos sapos) a CB perguntou "tem peixes?" e também perguntaram CB "é preciso cortar?" (se era preciso cortar a erva do bosque).

Com esta saída descobrimos em conjunto novos elementos do bosque, nomeadamente um caracol, troncos cortados e a relva estava mais crescida. As crianças demonstravam iniciativa para procurar novos elementos, e descreviam o que estava a acontecer (M - "as casas dos caracóis (...) são grandes e pequenas (...) estão nos troncos das árvores").

Nesta saída ao bosque verifiquei que as crianças se sentiam seguras ali, brincavam livremente e estavam felizes, o seu bem-estar era visível através de risos, gargalhadas e brincadeiras que tiveram oportunidade de vivenciar.

1.2 Atividade "Caixas de Experimentação"¹³

Decidi implementar esta atividade para complementar a intervenção realizada com as crianças no bosque. Estas caixas de exploração tinham como objetivo a exploração de materiais naturais pelas crianças que não tiveram a oportunidade de participar nesta intervenção. As crianças exploraram os materiais naturais livremente e fizeram construções, brincaram umas com as outras. Numa primeira fase as crianças que não tinham ido ao bosque, estavam retraídas sobre o que fazer com aqueles materiais, mas depois de as incentivarmos a explorar, começaram a mexer com as mãos e a sentir as suas diferentes texturas. As crianças brincaram livremente e interagiram umas com as outras construindo "castelos" com as madeiras, pinhas e as pedras.



Figura 8- Crianças a explorarem as caixas de experimentação em conjunto com os colegas.

¹³ Ver apêndice 8- Fotografias da atividade "caixas de experimentação"



Figura 9- Construções com materiais das caixas de experimentação feitas pelas crianças.

1.3 Análise questionário aos pais e às mães

Apesar das famílias não terem tido um papel ativo na intervenção, considerei necessário saber a sua opinião sobre a importância do envolvimento das crianças com a Natureza. Assim, podemos constatar através das respostas ao questionário qual a opinião das famílias sobre o contacto com a Natureza, se consideram fundamental que este envolvimento seja feito desde pequenas. O questionário foi aplicado às seis famílias das crianças que participaram na intervenção no bosque.

Tabela 1- Análise do questionário às famílias

Questões	Respostas	
	Sim	Não
1. Costuma ir passear/brincar regularmente com a sua criança a ambientes naturais? (ex: praia, campo, bosque, rio, jardins...)	6	
2. Se respondeu sim, com que frequência costuma ir? Uma vez por semana__ Duas a três vezes por semana__4_ Mais de três vezes por semana _2__		
3. Considera importante que a sua criança tenha contacto com a Natureza?	6	
4. Considera importante que a sua criança explore, conheça e desenvolva interesse pela Natureza e o seu meio envolvente?	6	
5. Em casa ou nos arredores a sua criança tem oportunidade de contactar com elementos naturais? (ex: flores, ervas, arbustos, terra, folhas...)	4	2
6. Considera que a sua criança aprende através do brincar livre na Natureza?	6	
7. Acha importante a interação da sua criança com outras crianças na Natureza?	6	
8. Considera importante que a sua criança esteja numa instituição que tenha um bosque com inúmeras oportunidades de exploração da Natureza?	6	

9. Acha que a sua criança gosta de estar em espaços/ambientes naturais?	6	
10. A sua criança revela interesse por elementos naturais?	6	
11. Considera que a sua criança se envolve na observação e no manuseamento de elementos naturais?	6	

Como podemos observar na tabela 1, todas as famílias responderam positivamente à maioria das questões, com exceção da resposta à questão nº5 em que quatro responderam sim e 2 responderam não. As famílias consideram importante que as crianças tenham contacto com a Natureza e que explorem o meio envolvente. No final do questionário, as famílias tinham oportunidade para manifestar as suas opiniões sobre a importância da relação que a criança pode estabelecer com a natureza. Algumas famílias comentaram que apesar do ritmo de vida, tentam criar oportunidades para que as crianças tenham mais contacto com a Natureza: - "Apesar dos nossos empregos com horários noturnos, achamos importante que as crianças brinquem ao ar livre, aos fins de semana tentamos proporcionar esses momentos" e "É importante brincar no exterior".

2. Divulgação e avaliação da intervenção

Na avaliação desta intervenção decidimos em conjunto com as crianças elaborar uma divulgação em cartazes¹⁴ com fotografias da intervenção e através dos cartazes, apresentar à comunidade educativa da instituição assim como às famílias.

Como forma de expor a intervenção, elaborei cartazes em conjunto com as crianças, tendo sido afixados no corredor da intuição. Antes da concretização dos cartazes juntei as crianças e conversámos sobre esta intervenção. As crianças conversaram sobre as saídas ao bosque, os momentos que mais gostaram e que queriam lá voltar. Após a conversa, mostrei ao grupo as fotografias de alguns dos momentos desta intervenção. Ao observarem as fotografias as crianças descreviam o momento (exemplos: "aqui está o lago", "a nossa prenda do natal" "foi no bosque com a CG").

Passámos à concretização do cartaz, no cartaz estão expostas as etapas deste projeto, através de fotografias e alguns comentários. Esta intervenção iniciou-se através de

¹⁴ Ver apêndice 13- Divulgação da intervenção às famílias e à instituição

uma saída ao bosque para uma atividade sobre o magusto. Como podemos observar no cartaz "No magusto fomos pisar as folhas". O cartaz também possui algumas fotografias da prenda de Natal que as crianças da sala azul realizaram com pinhas, "A nossa prenda de Natal foi com elementos da Natureza". Também no cartaz temos fotografias das nossas visitas ao bosque, "Fomos ao nosso bosque, explorámos e descobrimos coisas novas". E para concluir temos fotografias da nossa atividade na sala com os elementos naturais "levámos elementos na Natureza para a nossa sala".

3. Discussão dos resultados

Na primeira saída ao bosque, inicialmente tive dificuldades em despertar a atenção das crianças para brincar com a Natureza, uma vez que o foco de interesse era o parque infantil, mas rapidamente as crianças ficaram à vontade com a brincadeira com os elementos naturais. Apercebi-me que no bosque as crianças podiam ter experiências e descobertas distintas daquelas que tinha no interior da sala e que enriquece-se as suas aprendizagens, como exemplo a descoberta do cogumelo. Com a descoberta do cogumelo, também permitiu-nos também avaliar o risco e informar às crianças que era necessário ter cuidado com os cogumelos, pois podem ser perigosos. Foi fundamental a intervenção do adulto nesta situação, por isso é importante o adulto estar atento às brincadeiras das crianças e agir perante estas situações (Vale, 2013).

Após a descoberta do cogumelo as crianças pareciam que estavam a viver uma "aventura", a tentar descobrir coisas novas e com isso a aprender. A criança ao estar em movimento num espaço mais amplo também tem mais experiências ricas sensorialmente, que dificilmente teriam dentro de um espaço fechado. O bosque estava pintado de cores de Outono, as crianças adoraram pisar as folhas do chão e ouvir o som, através desta sensação as crianças estavam a correr livremente pelo espaço tornam-se um momento fascinante de observar (Bilton, Bento & Dias 2017). A brincadeira preferida foi atirar pedras para o lago e pisar as folhas do solo, como aborda Bilton, Bento & Dias (2017) atirar pedras ajuda as crianças a terem uma maior noção da sua força, do seu corpo e dos limites, o que permite promover a

confiança da criança. As crianças quando estavam envolvidas na brincadeira desenvolviam o conhecimento, o vocabulário através de conversas em pares ou em grupo e a interação social. Como afirma Bilton, Bento & Dias (2017) "quando observamos as crianças a brincar no exterior somos contagiados pelos sentimentos de alegria, fascínio e excitação que estas transmitem. Arriscamo-nos a afirmar que é impossível ficar indiferente aos seus risos e expressões de questionamento, quando são surpreendidas por alguma manifestação do mundo natural." (p.29). Foi necessário nesta saída também apelar as crianças para cuidar e proteger a Natureza, principalmente para não estragar as plantas.

Na segunda saída e relativamente com as dificuldades sentidas inicialmente na primeira saída, nomeadamente de explorarem o meio envolvente foram ultrapassadas. Através das explorações dos materiais naturais as crianças brincavam ao "faz de conta". Era satisfatório observar a sua interação e principalmente como as crianças eram criativas em recrearem instrumentos musicais com as pedras e paus. O nível de envolvimento era bastante notório. Segundo Bilton, Bento & Dias (2017) "Na sua ação, a criança descobre diferentes utilizações para os objetos, atribuindo-lhes funções e significados distintos" (p.49).

Com esta saída ao bosque as crianças movimentaram-se pelo espaço desenvolveram as suas capacidades motoras. Desenvolvem os músculos e os sistemas sensoriais e desenvolvem a criatividade (Hanscom, 2018). Por exemplo quando estavam a observar o lado descreviam o que estavam a ver e conversavam com os seus pares.

A terceira saída as crianças demonstraram uma grande evolução em relação ao envolvimento com a Natureza e os seus elementos. O espaço onde foi concretizado esta intervenção proporcionava muitos benefícios para as crianças, pois era espaçoso permitia que estimulasse os sentidos. Estes estímulos são um benefício para a saúde e o bem-estar das crianças e é determinante iniciá-los desde cedo, tal como refere Bilton, Bento & Dias (2017). Com esta intervenção este espaço passou a ser mais valorizado pelas crianças, pelas pessoas que as acompanhavam e pela educadora cooperante.

Um dos pontos que também posso realçar é que as crianças já não sentiam qualquer receio em tocar em folhas molhadas, na areia, ou em algumas texturas diferentes que podia existir. Após estarem familiarizadas com o ambiente que as rodeava rapidamente criaram laços com a Natureza. Depois destas saídas as crianças estavam constantemente a perguntar quando seria a próxima saída para o bosque.

Na atividade das caixas de experimentação, os objetivos desta proposta foram alcançados. Demonstraram grande envolvimento na atividade e entusiasmo nas experiências sensoriais através dos variados materiais utilizados. Contudo, foi uma atividade que superou as minhas expectativas pelo facto das crianças terem demonstrado grande envolvimento com os elementos da Natureza e estarem sempre a pedir mais.

Através das saídas ao exterior tive oportunidade de conhecer mais o grupo de crianças, as suas capacidades motoras, as dificuldades, as curiosidades, os interesses e os seus medos. Algumas crianças tinham dificuldades em ficarem sujas (com terra, ou com plantas molhadas) e outras em sentir texturas molhadas (terra, areia e folhas). Por outro lado outras tinham um fascínio pelos pormenores dos elementos, pelas bolotas e pelas pinhas. Uma criança tocava na sua textura e ficou durante algum tempo a observar e tocar e comentava com as colegas. Como relata Hanscom (2018) a brincadeira quando surge de forma autónoma proporcionada num ambiente em que as crianças não estão habituadas a lidar em casa oferece variadas formas de exploração, em pares, em grupos ou sozinhas. Com estas observei o entusiasmo das crianças ao manipular os elementos naturais, em correr livremente e ao escutar os sons da Natureza.

A importância do contacto com a Natureza foi considerado importante pelas famílias e igualmente pela educadora cooperante. Contudo esse contacto por vezes é limitado devido à falta de tempo das famílias de acordo com os seus trabalhos com horários perlongados ou em horários noturnos. As condições meteorológicas adversas, as novas tecnologias, os riscos que as crianças possam correr ao brincar no exterior e os brinquedos estruturados constituem-se como aspetos que condicionam as saídas das crianças para espaços naturais e as oportunidades para o brincar ao ar livre. Porém, está na altura de refletirmos e agirmos perante esta situação assim como os/as educadores/as e as famílias valorizando o espaço exterior e as suas oportunidades de

exploração e aprendizagem conforme os seus interesses e curiosidades (Figueiredo, 2010).

A educadora cooperante, apesar de estar consciente da importância desse contacto com a Natureza, no dia-a-dia das crianças, privilegia as atividades estruturadas. A preocupação em "escolarizar" as crianças e em introduzir atividades com conteúdos temáticos como por exemplo dia do pijama, magusto, natal entre outros. Algumas dessas atividades deveriam ser substituídas pelo "brincar livre" em que a criança escolhe com quem e com o quê que quer brincar e o educador respeita o ritmo de cada criança (Post & Hohmann, 2011). Promover saídas ao exterior na creche é uma tarefa que exige tempo por parte dos educadores mas que é compensador, pelos benefícios físicos e psicológicos para o desenvolvimento das crianças (Bilton, Bento & Dias, 2016).

A concretização desta intervenção permitiu-me comprovar que na Natureza as crianças brincam em conjunto com os seus pares, e através dessas brincadeiras, ocorrem múltiplas oportunidades de aprendizagens espontâneas. Nestes espaços naturais, a brincadeira é um desafio constante para as crianças. Em conjunto, superam obstáculos, descobrem novas aventuras, aprendem a lidar com novas situações. No exterior, o meio envolvente é completamente diferente do interior e as crianças revelam competências que não emergem no interior (Bilton, Bento, & Dias, 2017).

Ao refletir sobre a importância do brincar na Natureza posso afirmar que ainda é um tema pouco explorado por alguns/as educadores/as. O brincar no exterior é muitas vezes substituído com as atividades programadas e pré-definidas no interior das instituições. Com a exigência de algumas famílias torna-se difícil incluir no dia-a-dia das crianças o contacto constante com a Natureza. Apesar de ser uma atividade que as crianças demonstram grande interesse, muitas vezes é impedido pelas pessoas adultas. Contudo posso afirmar que a concretização desta intervenção foi muito positiva. Através do *feedback* das crianças que demonstraram muito entusiasmo por brincar na Natureza, também os/as adultos/as demonstraram interesse sobre a importância de brincar no exterior.

CAPÍTULO IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações Finais

A elaboração deste relatório final teve como principal intuito dar a conhecer a importância de brincar na e com a Natureza na Creche, evidenciando deste modo, todo o trabalho executado ao longo desta intervenção. Neste último capítulo apresento as conclusões e o efeito que este trabalho teve a nível pessoal e profissional, nomeadamente, na construção de novos saberes que, estou em crer, me enriquecerão a minha prática pedagógica e me serão úteis no futuro.

Este projeto permitiu-me ter uma maior perceção sobre a valorização que os/as profissionais de educação da instituição têm sobre o brincar na Natureza. Muitas vezes o brincar surge quando um/a educador/a está a trabalhar individualmente com algumas crianças e as outras estão "entretidas", sem valorizarem o brincar quanto ao seu potencial de aprendizagem.. Podemos considerar que os espaços das instituições educacionais são demasiado estruturados e controlados pelos/as adultos/as limitando as explorações das crianças.

Ao realizar esta intervenção observei que é fundamental os profissionais de educação repensarem as suas práticas pedagógicas no exterior das instituições. Apesar das atividades ao ar livre poderem exigir maior planificação, trabalho e até risco, por parte dos profissionais de educação e das crianças, é crucial que seja introduzido nas rotinas das mesmas como promotor do seu desenvolvimento. Refletir sobre a forma como estão a agir e sair da sua "zona de conforto" é um desafio que todos os profissionais de educação deviam submeter-se.

Pude constatar que os espaços verdes que esta instituição possuía eram esporadicamente utilizados e aproveitados. As condições climáticas eram muitas vezes postas em causa para a sua utilização ou inutilização dos mesmos, sendo a principal condicionante para que as saídas ao exterior fossem limitadas, banalizando as oportunidades de exploração por parte das crianças e de potenciarem inúmeras explorações e brincadeiras num espaço com múltiplas oportunidades de desenvolvimento, aprendizagem e conhecimento.

Como a minha questão de partida para esta intervenção “Será que a exploração e contacto das crianças com o meio natural, poderá criar oportunidades para se

envolverem, aprenderem e gostarem de brincar na Natureza?" com esta intervenção posso concluir que as crianças tiveram experiências ricas para o seu desenvolvimento, tiveram a oportunidade de contactar com elementos sensoriais da Natureza, brincaram livremente, expressaram os seus sentimentos de felicidade por vezes alguma frustração quando não conseguiam alguma coisa (por exemplo subir a ponte), as crianças usaram a sua imaginação ao brincar com pedras e paus imaginando instrumentos musicais. Os elementos da Natureza desafiam as crianças, testam os seus limites físicos. Os objetivos propostos inicialmente foram atingidos. Foi com grande satisfação que constatei que crianças gostaram de brincar no exterior, eliminando qualquer ansiedade da minha parte sobre o não envolvimento das crianças com o meio.

No entanto acho que ficou muito por concretizar. Ao longo deste percurso senti que tive alguns constrangimentos, nomeadamente as condições meteorológicas que para os/as pais /mães e para a educadora cooperante, foram um motivo para as crianças não brincarem no exterior. O facto de ter de escolher, apenas um grupo de crianças para pôr em prática as atividades, constituiu um condicionalismo à implementação do projeto. Outra limitação sentida diz respeito à organização do tempo disponível para a concretização da minha intervenção, uma vez que as atividades programadas pela educadora cooperante eram prioritárias.

Apesar da educadora considerar muito importante o contacto com a Natureza, praticamente não integrava as saídas ao exterior, nas suas práticas e na rotina com as crianças. Ao longo das saídas para o espaço arborizado na proximidade da instituição, foi notório o condicionamento das crianças no que diz respeito à exploração livre e espontânea do meio.

Na implementação prática deste projeto, gostaria de ter possibilitado a todo ao grupo, e não apenas a uma pequena parte, um maior número de saídas ao exterior, ao “bosque”, proporcionando-lhes a oportunidade de contactarem explorarem, interagirem com os elementos naturais. Outras ideias ficaram por concretizar, nomeadamente, a possibilidade das crianças brincarem no exterior com condições mais adversas, como brincar à chuva, explorar a lama ou escutar os sons do vento. Considero que as crianças, desde que devidamente equipadas com casacos, galochas e impermeáveis, ter-se-iam divertido imenso e beneficiado grandemente da

experiência e da possibilidade de vivenciarem o contacto com o exterior no seu dia-a-dia, quaisquer que fossem as condições meteorológicas, mas principalmente em condições menos habituais, logo, com outro princípio de conhecimento e enriquecimento. Também ficou por concretizar, incluir mais as famílias nesta intervenção, gostaria que os pais e as mães tivessem a oportunidade de ir connosco para o bosque e brincar com as crianças na Natureza.

Apesar das dificuldades foi uma intervenção muito gratificante para mim. Revi-me em muitos momentos da minha própria infância. Vi as crianças a brincar, saltar e correr pelo bosque, e quando questionavam "quando vamos ao bosque?", sentia-me feliz por saber que tinha ido ao encontro dos seus interesses e gostos, mas ainda, que lhes tinha proporcionado momentos lúdicos e pedagógicos, transversais a todas as áreas do conhecimento, e em consonância com os objetivos traçados para a minha intervenção.

Esta experiência pedagógica, quer os seus aspetos positivos como os menos positivos, dotaram-me de algumas ferramentas que me serão úteis na minha futura prática pedagógica e deixaram implantada a semente da vontade de integrar, sempre que possível e sem nunca arriscar a segurança das minhas crianças, as saídas e o contacto com a natureza, nos seus mais diversos ambientes. No entanto, estou consciente que nem sempre será possível, quer pela falta de um espaço natural nas proximidades, quer por outros constrangimentos.

Gostaria que esta intervenção, apesar de que muito mais poderia ser dito e explorado, incentivasse e inspirasse outros colegas e profissionais de educação. Que os levasse a incluir nas suas planificações com o grupo e nas suas práticas pedagógicas, maiores tempos e oportunidades de brincar ao ar livre, em contextos naturais, no contacto direto com a Natureza, valorizando todo o seu potencial de aprendizagem e desenvolvimento na vida das suas crianças, protegendo-as mas deixando-as correr alguns riscos, deixando-as tomar decisões, serem autónomas, capazes de resolver conflitos e ultrapassar obstáculos. Gostava que esta intervenção permitisse aos profissionais da educação, perceberem que podem ser mediadores, cuidadores, educadores, sem que com isso se sintam obrigados a planificar, estruturar e antecipar todos os momentos de aprendizagem das crianças, principalmente quando as mesmas estão em espaços naturais onde cada uma encontra no ambiente circundante, uma

pluralidade de oportunidades de aprendizagem que vão ao encontro das suas características e vivências pessoais, das suas capacidades e necessidades, das suas individualidades.

Este é um tema e uma “metodologia” sobre a qual me pretendo debruçar mais afincadamente de futuro. Será meu objetivo como profissional da educação promover, também, uma educação ligada à Natureza, incitando o gosto pelas experiências ao ar livre, permitindo que as crianças tenham contacto direto com elementos naturais, mas que, ao mesmo tempo, desenvolvam o sentido de responsabilidade na sua preservação.

Apesar de que o grupo de crianças era composto por crianças bastante pequenas, foi fácil perceber que a pluralidade de oportunidades de aprendizagem que anteriormente referi, foram uma realidade. Paralelamente, o seu estado psicológico e a felicidade estampada nos seus rostos e visível nos seus comportamentos, não deu margem para dúvidas de que as idas ao exterior constituíam um momento de prazer para estas crianças, permitindo-lhes que ao ar livre pudessem socializar, interagir, explorar e desenvolver competências em todas as áreas enquanto brincavam de forma espontânea e livre.

Por fim, apesar de algumas dificuldades iniciais devido à idade das crianças e à falta de disponibilidade de tempo para que pudessem ir para exterior, esta intervenção superou as minhas expectativas, tendo sido muito enriquecedora tanto a nível pessoal como profissional. Toda a alegria, entusiasmo, vontade de descobrir e explorar a Natureza que estas crianças demonstraram foram, sem dúvida, o melhor que podia levar da concretização desta intervenção.

A nível pessoal, sinto que comecei a olhar para a Natureza com outros olhos, a dar mais valor ao que ela nos proporciona, nomeadamente ao nível da saúde e do bem-estar, mas também no contexto educativo a nível de aprendizagem e conhecimento. Os objetivos iniciais foram alcançados, as crianças criaram uma forte ligação com a Natureza e com os seus elementos naturais. Estas demonstraram um grande interesse, curiosidade e também desenvolveram as suas relações sociais. Um dos meus objetivos também era sensibilizar as famílias sobre a importância do contacto com a

Natureza e pelo retorno alcançado através dos questionários e dos cartazes sobre as saídas ao bosque, foi muito positivo.

Por último e mais uma vez, volto a referir Hanscom (2018) que afirma "Brincar ao ar livre melhora o sistema imunitário, desenvolve os sentidos, fortalece as competências motoras, inspira a criatividade e a imaginação, promove competências socioemocionais e cultiva as competências de base necessárias para o trabalho académico que os espera" (pp. 171 e 172).

Em jeito de conclusão, mas também de recomendação, considero que compete aos/às profissionais de educação, mas também às famílias, proporcionar às crianças o contacto com a Natureza, para que nela possam brincar livremente e de forma espontânea. Assim como as minhas melhores memórias de infância são as brincadeiras no campo, em contacto com a Natureza, acredito que todas as crianças serão mais felizes se lhes for permitido brincar ao ar livre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bento, G., & Portugal, G. (2016). Valorizando o espaço exterior e inovando práticas pedagógicas em educação de Infância. *Revista Iberoamericana de Educação*, 72, 85-104.
- Bilton, H., Bento, G., & Dias, G. (2017). *Brincar ao ar livre*. Porto: Porto Editora.
- Coelho, A., Vale, V., Bigotte, E., Ferreira, A. F., Duque, I., & Pinho, L. (2015). Oferta Educativa outdoor como complemento da Educação Pré-Escolar: Os benefícios do contacto com a natureza. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 2 (10), 111-117.
- Coelho, A. (2017). Brincar e pedagogia em educação de infância. *Cadernos de Educação de Infância*, 112, 98-103.
- Coelho, A. S., & Vale, V. M. (2017). Reflexões em Torno do Brincar em Contextos de Educação de Infância. *Revista Observatório*, 3 (6), 316-337.
- Duffy, C. (2013). A viagem de Isabelle Um estudo de caso sobre desenvolvimento sensório-motor de um bebé no seu primeiro ano de vida através da observação das suas experiências e jogo ao ar livre. *Cadernos de Educação de Infância*, 100, 12-18.
- Duque, I., & Pinho, L. (2015). Ambientes educativos ao ar livre na Dinamarca: galochas e impermeáveis para brincar e aprender com a Natureza. *Cadernos de Educação de Infância*, 106, 12-15.
- Esteves, S., Pinheiro, F., Campos, F., & Raimundo, S. (2018). Brincar fora de portas. A experiência da Santa Casa da Misericórdia da Maia. *Cadernos de Educação de Infância*, 114, 16-20.
- Ferreira, D. (2010). O direito de brincar. *Cadernos de Educação de Infância*, 90, 12 - 13.

- Figueiredo, A. (2010). Espaços do Brincar em contexto de infância. *Cadernos de Educação de Infância*, 90, 35-37.
- Folque, M. d. (2012). *O APRENDER A APRENDER NO PRÉ-ESCOLAR: O MODELO PEDAGÓGICO DO MOVIMENTO DA ESCOLA MODERNA*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Fortin, M.-F., Côté, J., & Fillion, F. (2009). *FUNDAMENTOS E ETAPAS DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO*. Loures: LUSODIDACTA.
- Freixo, M. J. (2009). *Metodologia Científica*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Gaspar, M. F. (2010). Brincar e criar zonas de desenvolvimento próximo: A voz de Vygotsky. *Cadernos de Educação de Infância*, 90, 8-10.
- Gill, T. (2010). Qual o local em que mais gostavam de brincar quando eram crianças? *Infância na Europa*, 19, 24 e 25.
- Hanscom, A. J. (2018). *Descalços e Felizes -Como a brincadeira ao ar livre promove crianças fortes, confiantes e capazes*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lindsay, C., & Pompermaier, R. (2010). Brincar em espaços naturais ao ar livre na Escócia e na Itália. *Infância na Europa*, 19, 29 e 30.
- Malavasi, L., & Zoccatelli, B. (2013). *Documentar os projetos*. Lisboa: APEI- Associação de Profissionais de Educação de Infância.
- Oliveira-Formosinho, J. (2018). *Modelos Pedagógicos para a Educação em Creche*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto: Porto Editora.
- Pompermaier, R. (2010). Planear espaços naturais na Itália. *Infância na Europa*, 19, 1.

- Portugal, G. (2014). <https://pt.slideshare.net>. Obtido de Finalidades e práticas educativas em creche.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian .
- Pott, R. (2010). Pedagogia: a arte de lidar com os riscos e não de os evitar, *Infância na Europa* ,19, 20 e 21.
- Sarmiento, T., Ferreira, F. I., Madeira, R., Silvio, A. N., Silva, M. C., Rocha, M. L., et al. (2017). *Brincar e Aprender na Infância*. Porto: Porto Editora.
- Schepers, W., & Liempd, I. V. (2010). Relacionar-se com a Natureza. *Infância na Europa* , 19, 4 - 5.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério de Educação/Direção-geral da Educação (DGE).
- Tavares, L. (2010). Visita de estudo na Noruega de 24 a 30 de Janeiro de 2010
Working for inclusion: inclusive workforce models in rural and remote areas.
Cadernos de Educação de Infância , 90, 43 e 44.
- Vale, M. J. (2013). Brincadeiras sem teto. *Cadernos de Educação de Infância* , 98, 11-13.

APÊNDICES

Apêndice 1- Bosque

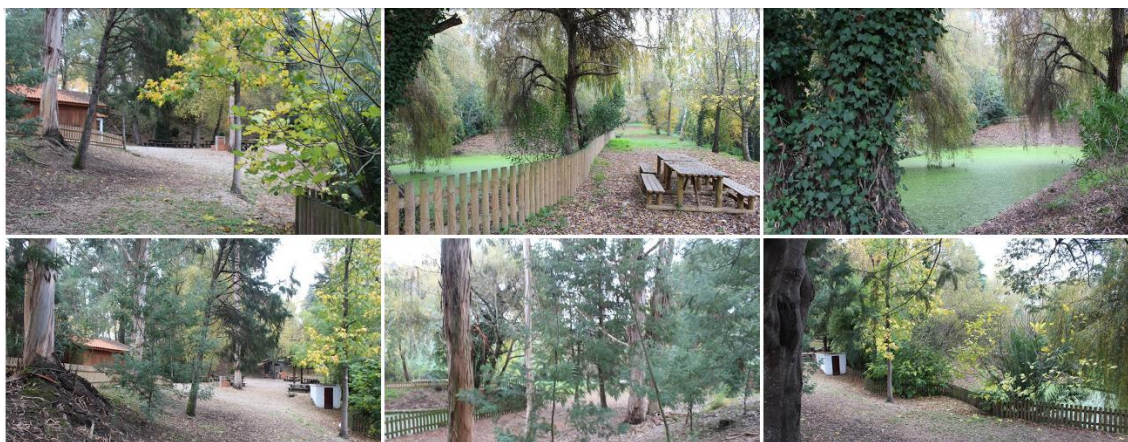


Ilustração 10 - Composição de imagens focando diversos ambientes existentes no Bosque. Zona de parque de merendas, arvoredo e lago.

Apêndice 2- Guião de observação da Natureza

Qual o maior interesse das crianças ao chegar ao bosque?	
Quais as primeiras reações ao contactar com os elementos da Natureza?	
Na Natureza, as crianças interagiram umas com as outras?	
Quais os elementos que despertaram mais interesse e curiosidade às crianças?	
Qual o nível de envolvimento das crianças ao contactar com os elementos?	
As crianças sentiram algum tipo de receio em tocar nos elementos da Natureza?	
O que descobriram?	
Foi necessário a intervenção do adulto, para despertar o interesse pelos elementos naturais?	
As crianças têm interesse em recolher elementos da Natureza e se sim o que recolheram?	
Qual a reação dos pais?	
O que gostaram mais de fazer?	
Tiveram medo de alguma coisa?	
As crianças fizeram questões sobre a Natureza?	
Observações:	

Apêndice 3- Guião de observação da primeira saída ao Bosque

<p>Qual o maior interesse das crianças ao chegar ao bosque?</p>	<p>Ao chegar ao bosque todas as crianças dirigiram-se para o parque infantil que tem na entrada principal do bosque, nomeadamente para o escorrega e para os baloiços.</p> <p>L - "Olha o baloiço"</p> <p>R- "O escorrega é meu"</p> <p>C- "Eu também quero o escorrega"</p> <p>M- "Vamos ao parque?"</p>
<p>Quais as primeiras reações ao contactar com os elementos da Natureza?</p>	<p>Em geral as crianças sentiram algum "medo" em explorar os elementos da natureza, mas com a aprovação do adulto estas começaram a mexer e a sentir liberdade para o fazer sem qualquer pudor.</p> <p>A C G ao contactar com a areia molhada disse logo "que nojo, é fria" e tinha algum medo em ficar suja.</p> <p>A L foi a criança que se interessou mais pelos elementos da Natureza pelas pedras e paus, recolheu vários elementos e estava sempre atenta aos pormenores (por exemplo: as pedras grandes, as suas formas e as cores "olha aqui", é "grande", "castanhas e verde").</p> <p>A M observava o que a rodeava mas com algum receio de explorar os elementos da Natureza e também tocou na areia mas rapidamente limpou as mãos para não ficar</p>

	<p>suja.</p> <p>A C B também teve algum receio mas depois foi a que recolheu mais elementos, adorou brincar com os paus e não se importava de ficar suja, demonstrou ter grande espírito de aventureira e destemida.</p> <p>A C tinha algum medo em descer as escadas de acesso ao bosque e necessitava de ajuda mas brincou livremente e estava muito interessada nos animais.</p> <p>A R é uma exploradora adorou descobrir tudo e correr livremente sem qualquer medo.</p>
Na Natureza, as crianças interagiram umas com as outras?	Sim correram em conjunto, observaram em conjunto, descobriram a Natureza em conjunto e recolheram os elementos em conjunto.
Quais os elementos que despertaram mais interesse e curiosidade às crianças?	Atirar pedras para o lago, as pedras e paus.
Qual o nível de envolvimento das crianças ao contactar com os elementos?	No início o nível de envolvimento foi pouco notório, mas depois de começarem a interagir com os elementos naturais com a total liberdade, exploraram o que queriam e o nível de envolvimento foi aumentando. Por exemplo depois de perceberem que podiam mexer e explorar os elementos da natureza as crianças brincaram com estes com toda a liberdade.
As crianças sentiram algum tipo de receio em tocar nos elementos da Natureza?	Sim, tiveram "nojo" de tocar na areia molhada e quando percebiam que algum dos elementos estava molhado limpavam

	as mãos. Algumas das crianças ainda tiveram medo de ficarem sujas. CG "Que nojo, é fria" (estava a referir-se à areia molhada).
O que descobriram?	<p>A C descobriu o lago e um gato "Olha ali um gato" (e correu na sua direção para tentar apanhar).</p> <p>A CG olhou para o céu e descobriu um avião e o seu rasto "Jéssica o avião".</p> <p>A CB "a relva é molhada".</p> <p>E algumas crianças descobriram um cogumelo a R "olha aqui" (aqui foi importante a intervenção do adulto alertando para os perigos do cogumelo).</p> <p>L "as pedras frias".</p>
Foi necessário a intervenção do adulto, para despertar o interesse pelos elementos naturais?	Sim, como este grupo de crianças está habituado a ir para o parque infantil situado neste bosque foi necessário intervir para que estas explorem os elementos da natureza, como por exemplo "olha aqui esta areia", "vejam só estas folhas de onde vem estas folhas?", "Quem quer cheirar estas folhas", "Vamos até ao lago ouvir os sapos?".
As crianças têm interesse em recolher elementos da Natureza, e se sim, quais?	Sim. As crianças recolheram vários elementos da natureza, pedras, paus, terra, folhas, pinhas, bolotas. M "as pedras também"
Qual a reação dos pais?	
O que gostaram mais de fazer?	A R adorou jogar pedras para o lago e ouvir o som que elas faziam "Vamos jogar as pedras?" "ajuda-me a apanhar pedras"

	CG". Em geral gostaram de correr, explorar livremente e descobrir o que havia para além do parque infantil.
Tiveram medo de alguma coisa?	Tiveram medo de descer as escadas e de ficarem sujas.
As crianças fizeram questões sobre a Natureza?	M "O que é aquela coisa verde na água?", C "O gato não volta?", R "Não pode tocar e porquê?" C "Onde estão os animais da selva?".
Observações: Depois de visitarmos o bosque as crianças perguntaram: Quando voltamos ao bosque? Onde está o gato? Quero ir brincar lá fora. Em geral posso refletir que a primeira visita ao bosque foi muito produtiva, apesar da apreensão inicial das crianças em contactar com os elementos da Natureza, estas demonstraram ser exploradoras e com vontade de aprender mais e descobrir mais.	

Apêndice 4 - Guião de observação da segunda saída ao Bosque

Qual o maior interesse das crianças ao chegar ao bosque?	Correr livremente e explorar os elementos naturais, nomeadamente a terra, os paus e as folhas.
Quais as primeiras reações ao contactar com os elementos da Natureza?	Após a primeira visita ao bosque as primeiras reações ao contactar com elementos da Natureza foram de entusiasmo por parte das crianças, estas tinham liberdade para correr, saltar e explorar livremente o que queriam. A interação com elementos naturais foi completamente diferente da primeira vez, estas tiveram interesse em explorar e sentir os elementos naturais.
Na Natureza, as crianças interagiram umas com as outras?	Sim, nas suas descobertas e também com os elementos naturais nomeadamente paus e pedras, juntas "criaram" instrumentos musicais e cantaram músicas. Também interagiram através de pequenos diálogos M "olha aqui uma teia", L "o cogumelo ainda está aqui", R "o cogumelo está pequenino e tem mais", C "e o gato?" CG "Podemos levar mais?" (estava a referir-se aos elementos da Natureza).
Quais os elementos que despertaram mais interesse e curiosidade às crianças?	Após a descoberta do musgo, o maior interesse foi explorar e sentir a sua textura assim como escavar na terra sem qualquer pudor CG "é fofo e verde" CB "Gosto de tocar, podemos levar?".

<p>Qual o nível de envolvimento das crianças ao contactar com os elementos?</p>	<p>Foi muito elevado, após a descobrir e explorar diversos elementos novos. As crianças abraçaram as árvores CB "esta árvore é gorda" "está velha e tem teias", tocaram nos ramos e nas lascas e até puxaram alguns galhos das árvores L "é forte".</p> <p>Adoraram ouvir os sons das folhas e dos ramos R "é divertido" M "Força, força nós conseguimos" (para abanar os galhos e conseguir ouvir o som).</p> <p>L "é vento".</p> <p>C "podemos ver outra vez os animais?" "as escadas são maiores" (referia-se ao tamanho das escadas)</p> <p>M "C cuidado com os buracos" "não toques nos cogumelos".</p>
<p>As crianças sentiram algum tipo de receio em tocar nos elementos da Natureza?</p>	<p>Não, o nível de envolvimento foi muito elevado e desta vez não tiveram qualquer medo em sujarem-se. Por vezes ao tocar em algum elemento molhado a reação era de limpar logo as mãos.</p>
<p>O que descobriram?</p>	<p>Duas árvores, uma "com folhas" e uma "sem folhas" a R disse: "é outono". A CG Descobriu a relva a crescer no meio das pedras .</p> <p>Uma teia de aranha num tronco de uma árvore. O musgo CG "é fofinho e verde".</p>

	Que os ramos que estavam no chão caíram das R "árvores despidas". "Pedras com picos". M "o cogumelo ainda está aqui".
Foi necessário a intervenção do adulto, para despertar o interesse pelos elementos naturais?	Sim, desta vez por curiosidade das crianças e para alertar para algumas situações. Por exemplo: Porquê que esta árvore não tem folhas? Alertar para terem cuidado com o cogumelo, podemos ver mas não podemos tocar pode ser perigoso.
As crianças têm interesse em recolher elementos da Natureza, e se sim, quais?	Sim, as crianças recolheram vários elementos da natureza, pedras, paus, terra, folhas, pinhas, bolotas.
Qual a reação dos pais?	
O que gostaram mais de fazer?	Escavar na terra, correr livremente, tocar e sentir a textura de diversos elementos, nomeadamente a relva, as folhas, a terra e os paus.
Tiveram medo de alguma coisa?	Algumas crianças tiveram medo de subir e descer as escadas.
As crianças fizeram questões sobre a Natureza?	"o que é isto?" (bolota) L . "Onde está o lago?" M . "Os paus são do chão?".

Observações:

A reação ao contactar com elementos da natureza foi totalmente diferente da primeira experiência, pois não tinham qualquer medo ou relutância em contactar com eles. O envolvimento foi totalmente diferente a necessidade de descobrir e aproveitar aquele momento para correr e explorar as texturas dos elementos naturais foram notórias. O nível de satisfação e de envolvimento foi elevado, quando chegou a hora de ir embora algumas crianças começaram a chorar, pois não queriam abandonar o bosque. Depois desta visita as crianças perguntaram sempre se podiam voltar ao bosque para brincar.

Apêndice 5 - Guião de observação da terceira saída ao Bosque

<p>Qual o maior interesse das crianças ao chegar ao bosque?</p>	<p>O principal interesse das crianças foi procurar o lago e tentar descobrir se os elementos que já tínhamos descoberto se ainda lá estavam e se alguma coisa tinha alterado, nomeadamente a teia da aranha, o lago, e o cogumelo.</p> <p>L "O cogumelo"</p> <p>R "Quero atirar pedras"</p> <p>M "E o gato?"</p> <p>CB "Vamos brincar com tudo"</p>
<p>Quais as primeiras reações ao contactar com os elementos da Natureza?</p>	<p>As crianças demonstram grande à vontade com os elementos da natureza e incluem esses elementos nas suas brincadeiras.</p>
<p>Na Natureza, as crianças interagiram umas com as outras?</p>	<p>Sim</p>
<p>Quais os elementos que despertaram mais interesse e curiosidade às crianças?</p>	<p>As folhas (mexer nas folhas, sentir a sua textura e esmagar).</p> <p>Observar o lago, se tem peixes, se tem sapos R "São verdes ou castanhos?" a R também adorou um monte com terra subiu e escorregou na terra.</p> <p>C, ouvir o som das pedras a cair na água, brincar com as pedras e paus e imitar os sons de instrumentos musicais.</p> <p>M "tem peixes?"</p> <p>L sempre mais atenta aos pormenores e aos cheiros e cores das folhas. CB</p> <p>"Folhas verdes, castanhas e vermelhas também " "A relva está grande" " é preciso cortar?"(a relva)</p> <p>L "E tem outras também" "Tem grandes</p>

	e pequenas e outras bolotas" "São muitas coisas daqui".
Qual o nível de envolvimento das crianças ao contactar com os elementos?	Elevado
As crianças sentiram algum tipo de receio em tocar nos elementos da Natureza?	Não
O que descobriram?	M as "casas" dos caracóis "são grandes e pequenas" "estão nos troncos das arvores" CB "esta relva cresceu" CG encontraram troncos cortados "para a lareira" "São muitos".
Foi necessário a intervenção do adulto, para despertar o interesse pelos elementos naturais?	Não
As crianças têm interesse em recolher elementos da Natureza, e se sim, quais?	Nesta visita não levámos cesto para recolher elementos.
O que recolheram da Natureza?	Nesta ida ao bosque não recolheram elementos da Natureza.
Qual a reação dos pais?	
O que gostaram mais de fazer?	Brincar livremente e explorar as texturas dos elementos da natureza, ouvir os sons, rastejar na terra.
Tiveram medo de alguma coisa?	Não.
As crianças fizeram questões sobre a Natureza?	Sim, "porque os caracóis não estão na casa?" (algumas casas não tinham o caracol)

Observações:

Este grupo de crianças teve muito interesse em descobrir e em brincar na Natureza, pois perguntavam várias vezes se podiam voltar ao bosque e na hora de voltar para a sala demonstravam desagrado. Estas crianças já reconheciam os elementos e onde estavam, procuravam sempre descobrir novas coisas e partilhar com os e as colegas. A L foi a criança que teve mais interesse em descobrir as texturas dos elementos naturais, foi mais atenta aos pormenores nomeadamente aos cheiros, aos tamanhos e às cores. Por exemplo: Encontrou uma folha de eucalipto e disse "olha aqui, esta é grande".

Apêndice 6- Questionário às Mães e aos Pais

No âmbito do relatório final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, encontro-me a realizar um projeto sobre a relação entre a Creche e a Natureza. Este questionário tem como objetivo conhecer a sua opinião sobre a importância que o brincar na Natureza tem no crescimento e desenvolvimento do/a seu/sua educando/a. O questionário é anónimo.

Grata pela sua colaboração

Jéssica Ferreira

Responda sim ao não.

1. Costuma ir passear/brincar regularmente com a sua criança a ambientes naturais? (ex: praia, campo, bosque, rio, jardins...)

SIM	NÃO

2. Se respondeu sim, com que frequência costuma ir?

Uma vez por semana____ Duas a três vezes por semana____ Mais de três vezes por semana____

3. Considera importante que a sua criança tenha contacto com a Natureza?

SIM	NÃO

4. Considera importante que a sua criança explore, conheça e desenvolva interesse pela Natureza e o seu meio envolvente?

5. Em casa ou nos arredores a sua criança tem oportunidade de contactar com elementos naturais? (ex: flores, ervas, arbustos, terra, folhas...)

6. Considera que a sua criança aprende através do brincar livre na Natureza?

7. Acha importante a interação da sua criança com outras crianças na Natureza?

8. Considera importante que a sua criança esteja numa instituição

que tenha um bosque com inúmeras oportunidades de exploração da Natureza?

9. Acha que a sua criança gosta de estar em espaços/ambientes naturais?

10. A sua criança revela interesse por elementos naturais?

11. Considera que a sua criança se envolve na observação e no manuseamento de elementos naturais?

Se pretender acrescentar algo mais sobre a relação entre a Criança e a Natureza, utilize, por favor, o espaço abaixo:

--

Apêndice 7- Atividade Caixas de Experimentação da Natureza

Proposta de Aprendizagem- Creche e Jardim de Infância Atividade: Caixas de Experimentação		
Número de crianças: 6 a 10 crianças de cada vez Idade: 2 anos Espaço de aprendizagem: Varanda da sala Duração: 30 minutos		
Objetivos	Estratégias	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> • Promover a exploração direta de elementos naturais, valorizando uma abordagem multissensorial à aprendizagem; • Desenvolver a curiosidade e a necessidade de exploração por elementos naturais; • Proporcionar novas experiências com as cores, textura e odores; • Desenvolver a criatividade; 	<ul style="list-style-type: none"> -Colocar as caixas de experimentação numa zona da sala (varanda da sala), para que as crianças possam explorar livremente os elementos contidos nas caixas; -Apoiar a criança nesta exploração; 	<ul style="list-style-type: none"> -Elementos da Natureza- Areia, terra, folhas, pedras, ramos, penas, flores, plantas, pedaços de madeira, pinhas. -Caixas;
Observações: <p>Numa primeira fase algumas crianças estavam retraídas sobre o que fazer com aqueles materiais, mas depois de as incentivarmos a explorar, estas começaram a mexer com as mãos e a sentir as diferentes texturas dos materiais. As crianças brincaram livremente e interagiram umas com as outras construindo "castelos" com as madeiras, pinhas e as pedras.</p> <p>Os objetivos desta proposta de aprendizagem foram alcançados, as crianças exploraram livremente através do contacto com estes elementos naturais. A alegria e satisfação das crianças ao brincarem e descobrirem estes elementos foi notória durante toda a atividade e estavam sempre a pedir "mais".</p>		

Apêndice 8- Fotografias da primeira visita ao bosque



Figura 11- Chegada das crianças ao bosque: as crianças estão a correr em direção ao parque infantil que está situado no início do bosque.



Figura12- Criança a brincar com a areia: no parque infantil tem uma zona com areia, algumas das crianças tocaram e exploraram a areia com algum receio de ficarem sujas ou molhadas.



Figura 13- Criança a recolher elementos naturais, nomeadamente pedras.



Figura 14- Criança a descobrir o lago: depois de estarem a brincar no parque infantil uma criança foi a correr para a zona de uma das varandas e conseguiu descobrir que ali existia um lago.



Figura 15- Criança a recolher paus, ao passear pelo bosque algumas das crianças tiveram a iniciativa de recolher alguns elementos naturais.



Figura 16- Criança a cheirar as folhas.

Apêndice 9- Fotografias da segunda visita ao bosque



Figura 17- Crianças a descobrir a relva: ao chegarmos ao bosque uma das primeiras coisas que as crianças descobriram foi a relva "nova" que estava a crescer no chão.



Figura 18- Criança a brincarem "aos abraços à árvore": registo de um momento de brincadeira.



Figura 19- Crianças a brincar com os ramos das árvores: ouvir os sons dos ramos e das folhas das árvores foi uma das brincadeiras que as crianças mais gostaram de fazer.



Figura 20- Descoberta e exploração do musgo: também descobriram o musgo entre algumas pedras e folhas.

Apêndice 10- Fotografias da terceira visita ao bosque



Figura 21-Utilização de pedras para produzir som.



Figura 22- Descoberta de um buraco no solo.



Figura 23- Conversa entre uma adulta e duas crianças sobre o cogumelo.

Apêndice 11- Fotografias da atividade "Caixas de experimentação"



Figura 24- Caixa de experimentação que contém folhas, pedras, lascas de troncos de árvores, penas, areia, terra, pinhas e pedaços de madeira.



Figura 25- Exploração das caixas de experimentação pelas crianças em creche: com os materiais disponíveis para brincar as crianças fazem construções.



Figura26- Exploração da caixa.



Figura 27- Crianças a explorarem os materiais das caixas

Apêndice 12- Divulgação da intervenção às famílias e à instituição



Figura 28- Cartaz elaborado por mim e pelas crianças para divulgação da intervenção



Figura 29- Visualização pelas crianças do cartaz elaborado